

RELATÓRIO FOTOGRÁFICO EDITAL LITERATURA

RENAN DE SOUZA GOMES – DO ZERO AO NADA

Sinto minhas pálpebras incomodadas, e decido piscar. É difícil continuar o sono com os primeiros raios de sol se esgueirando pela janela aberta, como se quisessem me avisar que já é hora de levantar. Uma corrente de ar menos gentil sopra meus cabelos quando afasto as cobertas, e enquanto a clareza arquiteta a realidade sobre o fundamento surreal de sonhos que ainda rodopia em minha cabeça, percebo que não me vem nenhuma lembrança que me denuncie ter esquecido a janela aberta antes de me deitar. Dou por mim sozinho em meu leito. Isso só pode significar que Judite deve tê-la aberto. Mas por quê? Talvez quisesse que eu não me demorasse na cama. Embora a noite tenha sido fria e afastado o calor de nosso aposento, o toque do sol vem até mim confortável como o calor dos abraços de seu corpo. Ah, o calor de sua pele quente, tal como quando dançávamos juntos nos bailes de sábado. Quanto tempo já faz desde o último baile? Embora o calor nostálgico me conforte e me desperte o desejo de ceder aqui mesmo e me render ao travesseiro, em parte também me motiva a me levantar e encarar o dia.

É outra manhã de domingo tranquila num começo de outono, de poucas nuvens e sendo celebrada pelo canto de pardais na copa do olmeiro do nosso quintal. Puxo os vidros da janela para segurar a brisa, mas preservar a luz, assim posso me trocar sem depender da lâmpada. Lavo meu rosto e relanceio meu semblante sonolento no espelho, antes de ir para a cozinha. Estou pronto para mais um dia.

Esperava encontrar alguma surpresa em nossa mesa junto a um bule de café recém-coado. A maravilhosa torta de amora de Judite, seus bolinhos de chuva, ou talvez uma broa ou um pão caseiro. Entretanto, tudo o que encontro é a mesa vazia. Não há doces ou salgados, e nem o cheiro agradável do café. Me pergunto o que teria feito ela se levantar mais cedo. Chamo por ela, mas não há resposta, além do meu próprio eco no corredor.

O relógio na parede anuncia as seis horas. Sem me importar, decido tomar minhas pílulas matinais em jejum. Um copo d'água bastou. Sinto-me mais calmo e disposto em questão de poucos instantes. Algo me diz que Judite estará aqui logo, e tomaremos nosso café da manhã juntos, como fazemos todo dia. Meu café nunca foi tão bom quanto o dela, e nem de longe minha culinária, mas hoje tenho minha chance de surpreendê-la com a mesa pronta.

A brisa fresca na varanda chega arrastando as primeiras folhas secas até meu portão. A mesma brisa que me visitara quando acordei. Apesar do princípio de resfriado, me sinto bem, calmo, e à espera de Judite para provar meu café. Sob a sombra do alpendre, encontro um bom descanso para aguardar seu retorno, na velha cadeira de vime. Dela, tenho uma boa vista para a vizinhança, e capto seu doce silêncio sendo desfeito pelas vozes de dois idosos em prosa num banco ao lado da esquina, o sussurro do vento farfalhando nas árvores, dos pássaros procurando sementes no jardim, e de cães trocando latidos entre si na distância, o que imediatamente desperta Leão, nosso cão de guarda. Nosso felpudo labrador. Ele ergue uma orelha e se levanta, espiando para fora de sua casinha, antes de responder com um latido. E logo não há mais silêncio. Meu Leão juntou-se à discussão, e se não há o que fazer além de estimar a calma de uma manhã de domingo, eu decido que só me resta ler um jornal.

Ouço o repicar agudo de um sininho de bicicleta na calçada, e descubro que nosso Júnior também levantou mais cedo hoje. Seus amigos, os filhos dos nossos vizinhos, já lhe fazem companhia. Compartilhamos das mesmas feições, eu e Junior, porém ele ostenta os vítreos olhos verde-esmeralda da mãe; Os olhos que me conquistaram e traçaram o destino de sua existência. Seus cabelos negros como piche me remetem aos meus dias verdes de moleque, e vejo em seus colegas, minha antiga turma de infância. Posso examinar neles, a sagacidade de Bartolomeu, a ousadia de Pietro, e o carisma de Agostinho, meu melhor amigo. Não havia nada que nos aventurássemos a fazer sem que estivéssemos juntos os quatro.

Eu sabia que não tardaria até que Judite também aparecesse na calçada. Lá vem ela com sacolas de compras nas mãos, caminhando entre as crianças para pousar um beijo na testa de nosso garoto. O tempo lhe tem sido gentil, e ainda não fizera brotar um fio branco sequer entre seus cabelos castanhos, presos sob a tiara vermelha, que ela adora usar. Alegre feito uma criança, levanto-me para ajudá-la com as compras no portão, e sou agraciado com um abraço me desejando bom dia. Felizmente, será mais um dia normal. Teremos nosso desjejum e talvez farei um churrasco para nós mais tarde.

Esta noite tive um pesadelo estranho. Um pesadelo tão real que me fez acordar com os lençóis molhados e suando frio. Estava de volta aos tempos de escola. Bartolomeu, Pietro e Agostinho me faziam companhia no parquinho enquanto esperávamos nossos pais. Um a um, meus amigos foram buscados por seus pais e mães. Já passava das cinco quando Agostinho e eu nos despedimos, meu último amigo a partir. Começava a esfriar e a escurecer, e eu estava sozinho. Não havia mais ninguém para brincar comigo, nenhuma criança ali além de mim, oscilando em meu solitário balanço. Um medo crescia dentro de mim, mas em meu íntimo, eu sabia que ia ficar tudo bem, e que logo minha mãe estaria ali por mim. Logo estaríamos em casa e ela me obrigaria a tomar banho e esfregar meus cabelos. Eu sabia disso. Mas ela não veio.

E então meus olhos se abriram.

Quando me levantei, o sol ainda não tinha raiado. Judite também não estava em nossa cama, mas logo percebi que era eu quem não dormia em seu devido leito. Fiquei assustado ao me ver naquela cama de solteiro, e ainda mais assustado caminhando por um quarto escuro que segundo meu tato, era diferente do meu. Mas aos poucos me lembrei: Junior também havia tido um pesadelo durante aquela mesma madrugada, e eu havia cedido meu lugar a ele, para que dormisse junto à mãe. Pobre garoto, acordara tão assustado... Talvez mais assustado do que eu naquela soturna tarde no parquinho. O importante é que eu sabia que ele dormiria em paz no amplexo maternal. E que sabia que seu pai estava aqui para vigiá-los.

Por outro lado, lembrar dos detalhes do meu sonho me rendiam calafrios. Uma solidão tão real, um medo tão palpável, que me fizeram buscar um copo d'água na cozinha. Minhas mãos tremiam ao encher o copo na torneira. Por uma fresta nas cortinas, notei que o céu no horizonte já começava a se tingir de laranja e púrpura, então resolvi tomar meus remédios um pouco mais cedo. Nesse momento, o relógio badalava seus cinco lamentos por todo o cômodo.

Sentei-me na poltrona da sala e liguei o velho rádio para me acalmar. Para meu infortúnio, minha estação favorita estava fora do ar, não faço ideia do porquê. E eis que aqui estou agora, desempoeirando um velho vinil da estante para me deleitar com as músicas que não pude obter do rádio. Assim que escuto as notas do piano serem embaladas pelo contrabaixo em uma de minhas músicas preferidas da juventude, sinto um conforto acolher minhas costas e relaxar meus braços trêmulos, afundando meu corpo no estofado macio. Quando o saxofone do velho Bartolomeu se une aos outros instrumentos, minha alma arqueja de emoção e encontra

estase, que me puxa pelo braço e me leva de volta aos nossos shows no pub do centro, regados de elegância e gente querida. Éramos nós tocando aqueles instrumentos. Éramos nós enchendo de vida as noites de sexta de universitários cansados, desfrutando de bom gim e cerveja preta ao fim de cada performance. Podia ver Judite me aplaudindo e me assistindo com seus grandes olhos de esmeralda. Seus cabelos cheios cintilavam nas luzes do pub sob aquela tiara vermelha de costume.

Sinto um toque abrupto chegar ao meu ombro direito, e me trazer de volta à sala, atônito como se tivesse despertado de novo, mas dessa vez, de um sonho que não queria acordar. Demoro a me conformar, e levo alguns cutucões até me desligar das lembranças cantadas pela vitrola. Um rapaz forte e mais alto do que eu, está do meu lado e finalmente ganha a minha atenção. Ele apenas me chama para o café da manhã. E em momentos como este, eu percebo como o tempo passara depressa. Meu Junior já é quase um homem feito. Sinto em seus braços a força de um atleta ao me abraçar e me acompanhar até a mesa, como se agora eu fosse a criança.

Um delicioso aroma de laranja e milho frito amanteigado enche o meu nariz e provoca meu estômago, quando me junto a mesa. Os quitutes de Judite continuam impecáveis. Seus cabelos já não são tão castanhos, é verdade, mas pelo menos não estão rareando como os meus. E em sua bela nuance de mulher, consigo ver seu charme de menina bem nítido entre seus pés de galinha. Sinto-me feliz de tê-la a meu lado mesmo que neste simples café da manhã. E também sinto que logo nossa família aumentará. Ao lado de Junior, está sua jovem namorada, a melhor nora que poderíamos esperar um dia ter. Curiosamente, seus olhos me lembram os de Judite. E como não lembrar? Não é à toa que ela sempre fora a única mulher da minha vida.

Esta madrugada fui desperto com um solavanco. Senti o chão tremer e as paredes ressoarem com uma grande pancada vinda lá de fora. Pietro me diz que ficaremos bem, e me oferece comprimidos, já que não temos tempo de comer, e nem de reclamar nossas rações. Mas os gritos do sargento soam outras palavras; ordens não tão esperançosas, e apelidos nada amistosos. Há um grande alvoroço em nosso dormitório, e a única gritaria audível que captamos em meio aos dois estrondos seguintes do bombardeio, é que nossos inimigos estão às quatro horas.

Os homens batem em disparada para o pátio com seus rifles à tiracolo. Agostinho e Bartolomeu estão ao meu lado na linha de frente, quando somos obrigados a abandonar a marcha e correr em direção à trincheira em busca de abrigo. Nossa formação se desfaz com uma grande confusão ao ser surpreendida por outra explosão. Nossa perícia adquirida nos treinamentos, nos falha à memória e aos músculos, perante o medo. A disciplina dá lugar aos instintos, e meu descanso transforma-se em caos. O mundo se despedaça numa aurora vermelha ao nosso redor e meus olhos, lacrimejando pela angústia e pela fumaça, me desfalcam a pontaria.

Eu olho para minha esquerda e encontro Bartolomeu. Checo minha direita e respiro aliviado ao ver que Agostinho está ali firme. Mas nosso grande amigo Pietro... Nosso amigo Pietro... Pietro? Você sempre foi o mais valente de nós. Sua coragem de leão falava tão alto que para muitos soava como estupidez. Mas nós testemunhamos o herói que você foi.

E com essas palavras, eu deposito minhas flores em seu túmulo, lembrando aquele amargo dia. Por algum motivo que não consigo compreender, uma lacuna muito maior do que a de um amigo ecoa dolorosamente em meu coração. Um buraco impreenchível. Perda.

E dor. Como dói a perda. É a vez de contemplar o epitáfio de meus pais. Minha família está comigo. Os membros novos atrás de mim, os velhos, descansando eternamente à nossa frente. Mas estão ali. Conosco.

Meu único conforto hoje é a mão de minha pequena Tereza me guiando até o carro para voltarmos para casa. Creio que Junior dirigirá. Sua esposa fará para nós uma ceia, e o fato de ela cozinhar quase tão bem quanto Judite me deixa ansioso. Mesmo sabendo que Judite ainda é melhor. Mas talvez eu esteja julgando mal. Afinal, de uns tempos para cá, uma tristeza e uma inquietação têm me tirado o paladar.

Já são três da manhã, e não há nem sinal de sono. Meu coração palpita com uma ansiedade mortal, e cada batida ressoa como um golpe num tambor dentro do meu peito. TUM-TUM... TUM-TUM... TUM-TUM...

Uma mão pequena e delicada se agarra à minha sem perder sua suavidade feminina. O que quer que ela esteja dizendo são palavras doces. Eu sei. Ela me ajuda a ingerir algumas pílulas e afaga meus cabelos ralos e sudados de cima de minha testa. Judite... Eu sabia que você não me deixaria. Eu jamais aceitaria ver você partir também. Jamais! Fico feliz em poder apreciar seus belos olhos cinzentos outra vez. Aos poucos, eles retomam o imponente verde-esmeralda, e o mundo também se renova, matizado de todas as alegrias que você me traz! Minha Judite, nunca mais me assuste dessa maneira.

Ouçõ o tilintar de uma colher remexendo o açúcar no fundo de um copo d'água. Ela me quer bem. Ela me quer calmo. Todos me querem bem e calmo.

Seus dedos estão frios, Judite. Vá esquentá-los e não se preocupe, sou um homem adulto e posso tomar meus calmantes sozinho. Já estou bem.

Vejo que nossa Tereza, por sua vez, chora perante todo esse tumulto. Mesmo sendo tão pequena para compreender o problema dos mais velhos, não duvido que seu coração puro compreenda a tristeza de seus entes queridos, e inocentemente traduza isso como a sensação mais sublime de dor. Mas é somente ao recebê-la em meu colo que me dou conta de como ela cresceu. Em pouco tempo, eu poderia pedir que ela encaixasse um vinil na vitrola da sala para mim, e ela certamente o alcançaria na estante.

Mas enquanto esse dia não chega, só posso esperar que ela me faça companhia e escute as melodias comigo. Portanto, eu dirijo esse favor ao Junior, que me olha de uma maneira estranha e fria. Murmura algumas palavras com alguém atrás de mim, as quais estou cansado demais para me virar e ouvir do que se tratam, mas atende o meu pedido. Temo mais do que ele possa imaginar, que durante meu frenesi, tenha lhe disparado alguma ofensa. Mas ele bem deve saber disso. Sei que ele não se magoaria comigo.

Eu sei...

Então por que ele me fita como um estranho?

Tudo o que sei é que estamos em perigo. Estamos em perigo, meu amigo. Perigo, ele me diz baqueando a mesa com uma carta. Lá fora, um canhão parece responder com um disparo. Mas permaneço tranquilo, pois sei que é só mais uma bateria de testes. Aqui, de volta à mesa, é a minha vez de jogar, mas a partida já está perdida. Não tenho mais cartas. Estou derrotado. E sinto perigo...

Você venceu, meu amigo. Sabe, por um lado, estou feliz que nossas famílias estejam à salvo, longe daqui. Mas sinto uma saudade imensurável. Me pergunto quando poderemos revê-los. Quando isso tudo vai acabar? Só quero voltar para casa. Mas enquanto estivermos aqui, seremos fortes, e os protegeremos. Sim, protegeremos nossos queridos e nossos lares.

Sim, Agostinho, eu também espero rever o Bartolomeu. Dizem por aí que ele voltará da patrulha no mês que vem. Mal posso esperar para ouvir seu saxofone em nossa tenda. Levarei meu violão ao redor da fogueira, e assaremos um churrasco, o que acha? É claro que não temos carne, mas algumas linguças devem servir. Não podemos lutar se não estivermos de barriga cheia, e digo que, em último caso, até a gororoba do quartel e as rações desceriam deliciosas. Como sinto falta da comida da Judite...

Mas hoje estou feliz. Ela me enviou cartas, e Tereza as trouxe em pessoa! Sim, ela está aqui! Agora é uma enfermeira lá na ala médica. Fico preocupado com a segurança dela, mas ao mesmo tempo tão feliz em revê-la. Já é uma mulher adulta, tão bela quanto Judite. E veja só! Veja quem veio nos trazer um fresco!

Perdão pelos meus modos, minha jovem, mas minha garganta estava tão seca que bebi tudo num só gole. Noutra ocasião, eu jamais teria me portado assim.

Molhei toda a minha farda. E juro que senti alguma coisa a mais dentro do copo, mas não deixo ela saber. Ela não teve culpa. Deve ter sido um inseto, eles estão por toda parte no acampamento e não me deixam dormir, me picando à noite dentro do saco de dormir.

De repente me bateu uma tristeza. É a saudade.

Nem reparei nesse espelho, quem botou ele aqui? Ah, deve ser da Tereza, vejo que ela veio limpá-lo. Deve ter trazido consigo. Sabe como são as garotas, sempre vaidosas. Mas tão tarde da noite? Ora, já são duas horas.

Ei, Agostinho, não me deixe falando sozinho! Onde você está?

Agostinho? Tereza?

Judite?

Odeio admitir, mas estou ficando com frio. Tenho fome. E medo.

Esqueci meus deveres. Eu os abandonei. Deserdei meus camaradas. Já não me lembro de seus nomes. Seus rostos. Estou sozinho...

Mas também não sinto vontade de vê-los agora. Só quero ficar em paz. Só quero ver você, Judite. Sinto falta de seus abraços. Tudo agora é frio. Sem cores. Seus olhos... Seus olhos cinzas. Cinzas? Seus cabelos... O vermelho. Sua comida... Tenho fome. Medo.

Esta guerra está perdida. Não há mais chance. Vamos fugir, Judite. Você, eu, e...

Diga ao nosso Pietro para pôr um vinil na vitrola. Tereza? Que melodia verde.

Onde eles estão? Onde estão...

Um soluço. Um desespero é tudo atravessando a minha garganta. As luzes estão acesas. O mundo gira. Torta de amora. Um latido na noite.

Um latido. Leão.

Ele dorme. E eu também irei. No escuro, e sem nenhuma lâmpada ou janela.

No silêncio.

Já é meia-noite. Mas o dia raia. Lençóis molhados, cobertas frias, cama vazia. Não sei onde estou. Não sei quem sou. Minha garganta seca permanece seca, e o estômago vazio. O vinil está arranhado. Só o que escuto são lamentos distantes se repetindo, e repetindo, e repetindo. Mas quem está chorando? E pelo quê? Zero hora. Tudo começa. Ou tudo termina? Começa do nada e volta ao nada.

Não escuto nada. Não vejo ninguém. Nada. Antes fossem rostos desconhecidos e balbucios aqui e ali. Agora ninguém virá me trazer... A torta de amora no café da manhã. Os pesadelos no jantar. As explosões na ceia. As lágrimas em meu colo. Nem eu mesmo compareço diante do espelho. Um estranho. Eu, um estranho, e mais ninguém...

Nada.

ADILSON ROBERTO LOCALI PEREIRA – UM HOMEM CHOROU NA RODOVIÁRIA

Um homem chorou na rodoviária.

Entre as plataformas quatro e cinco, sentado no banco de concreto, com sacolas e malas cheias a lhe contornarem as pernas, ele desatara a chorar.

O choro começou talvez mais alto do que as pessoas ao redor julgassem apropriado para o local em que se encontravam. O homem levou uma das mãos ao rosto em uma tentativa frustrada de esconder o que já era visível a todos que não estavam apressados demais para parar e ver.

Não devia ter mais do que cinquenta anos. Os cabelos bagunçados apresentavam um leve tom grisalho. Do bolso da calça retirara um lenço roto a que levara aos olhos avermelhados. Os passageiros ao redor pensaram que o lenço secaria o seu martírio. Mas então, recomeçou a chorar.

A mulher sentada no banco ao lado do seu, com uma criança no colo, olhava-o com um misto de curiosidade e pena. Deslizou para mais perto do senhor e perguntou se estava tudo bem, se gostaria de um gole de água. Disse que ela buscaria na cafeteria se ele quisesse. Pagaria com o próprio dinheiro. O que fosse necessário para cessar o seu choro.

O homem, no entanto, agradeceu a gentileza como se dissesse que de água já bastava a que agora lhe saía dos olhos. Disse que não era nada demais. Pediu desculpas por toda aquela cena.

A mulher balançou a cabeça dizendo que ele não deveria se preocupar, meio sem jeito, sem realmente saber o que poderia dizer para ajudá-lo. A filha em seu colo remexeu-se. Também parecia interessada no senhor que chorava. Ela mesma estava chorando momentos atrás. No entanto, só a mãe lhe notara. Com o senhor era diferente.

Pouco a pouco, tinha um pequeno grupo a lhe observar. As pessoas ao redor o olhavam pelo canto do olho. Como se olhar o senhor chorando fosse como julgar o seu ato. Alguns, de fato, o julgavam. Um homem sentado logo a frente parecia não entender o que ocorria a princípio, mas quando se deu conta que um homem feito chorava em pleno terminal rodoviário desejou repentinamente que parasse, como se ferisse as normas de boa conduta naquele ambiente. Ou, até mesmo, ferisse as normas de boa conduta em qualquer ambiente que fosse.

Um jovem franzino ali perto também questionava o choro daquele senhor. Mas não se perguntava sobre a sua natureza, mas sim do porquê o ter ali, diante todos. Naquela rodoviária, embora pequena, haviam lugares mais isolados do que as plataformas de embarque para que aquele senhor pudesse sozinho acertar as contas com a sua dor.

Um cachorro que vagava pelo terminal veio se juntar ao grupo de pessoas. Talvez por ter mais coragem que os demais, prosseguiu até alcançar o homem. Então, deitou-se junto aos seus pés. O homem que chorava estendeu o braço e tocou a cabeça do cachorro, em um gesto de retribuição. Um pequeno sorriso se formou em seus lábios úmidos pelas lágrimas que escorriam pelo rosto.

Uma velha senhora ao ver aquela cena teve a certeza de que se tratava de um mendigo que agora tinha um cachorro pulgento a lamber suas feridas como todo bom mendigo naquela rodoviária tinha. Talvez lamentasse a vida difícil, vagando pelas ruas a pedir esmolas e não receber nenhuma. As roupas sujas e amassadas não lhe deixavam dúvidas.

Mas o senhor parecia não notar os olhares indagadores que lhe rondavam. Focara em acariciar a cabeça do cachorro com as mãos enquanto as lágrimas continuavam a irromper pelos olhos. A mulher com a filha no colo pensou em lhe falar uma palavra de conforto. Mas qual? Os cochichos ao seu redor especulavam qual seria o motivo do choro daquele senhor. Perguntavam se alguém o conhecia, se já o haviam visto por ali antes, se tinha uma mulher, se tinha filhos, se era só.

A mulher ao ouvir os cochichos levantou o olhar para o grupo de pessoas depois do breve tempo a contemplar apenas o choro. Quis dizer-lhes: do que importa o motivo? O que importa é que esse homem está a chorar na rodoviária.

Um ronco de motor anunciou a chegada do ônibus a que os passageiros da plataforma quatro esperavam e o homem que chorava se revelará ser um desses passageiros. Apenas a chegada do ônibus fora capaz de lhe despertar de seu momento e fizeram as lágrimas cessarem. Não fora nenhuma pessoa ali presente. Não fora nenhum comentário ou olhar. Então, como se não tivesse sido o protagonista daquela estação pelos últimos minutos, tomou suas malas e sacolas e caminhou em direção ao ônibus. O cachorro levantou em um susto com o movimento e foi para um canto qualquer coçar suas sarnas.

A mulher com a criança de colo acompanhou o homem com o olhar até o ônibus partir. Então, alguém disse, alguém que ela não conseguiu ver quem era: estás a sofrer. Do que será a sua dor? A mulher novamente quis dizer, mas nada disse. Entendeu que não importava a eles a causa do choro, mas sim o que ele causara naquele lugar.

Um homem chorara na rodoviária.

E ao fazê-lo, inundou todos os presentes com o mar desconfortante da sua coragem.

VICTORIA SANTOS MARQUES – NO FRIO DE DEZEMBRO

No frio de dezembro eu estou,
Mas não neva, não há vento,
Sequer estou nos EUA ou em Bariloche: o que vivo é um momento.
Um momento estranho, nunca antes visto,
Quero, mas não posso abraçar quem amo.
Não posso sair, visitar novas paisagens,
Como num deserto, tudo é apenas miragem.
É dezembro, um calor de verão, num país tropical,
Mas dentro de mim só há frio, só há frio...
No frio de dezembro eu estou,
Mas esse frio não é de dezembro,
É de novembro,
Outubro,
Setembro,
Agosto,
Julho,
Junho,
Maio,
Abril,
Março...
Os meses passam, mas as estações dentro de mim não mudam,
É sempre frio, é sempre frio...
Chega janeiro e o frio continua,
É mês de janeiro, no frio eu estou.
Chove lá fora, mas cadê essa chuva aqui dentro?
Faz sol na janela, mas isso pouco me ilumina
Saudades dos tempos de quando menina
Nada era frio, tudo era quente,
Tudo era gente...
Mas de repente: o frio.

Até quando esse frio, até quando?

Até fevereiro, no carnaval?

Ou será que até o próximo natal?

Todos vivem essa névoa

Mas uns parecem viver mais que outros

É um frio que dura o ano todo

Que consome, que entristece

A esperança, apesar disso, permanece.

É sempre frio, é sempre frio...

Até quando?

LUCAS BRITTO MORTARI – POEMA CRÔNICO (A) DA VERGONHA

É segunda de manhã, habitualmente, dropo minha dose diária de antidepressivos, cafeína e canabinóides, acompanho as notícias e me fisgo pensando em tantos contextos que se espalham nesse território insano, em qual parte desse mesmo contexto e em qual pedaço desse mesmo chão meus pés se enraizaram.

Sou branco, caucasiano com sobrenome de origem portuguesa, dos mesmos portugueses que colonizaram o Brasil, boa parte do continente Africano e alguns territórios na Ásia; que solidificaram suas bases de pensamento, sua cultura e sua religião de forma bárbara e brutal; que assassinaram índios e construíram todo um país com as mãos de escravos africanos; que traçaram uma divisão racial que perdura, ainda, no contemporâneo; e que romperam qualquer possibilidade de evolução cultural dos povos nativos do nosso continente, e dos outros.

Dentro dessa gênese que tenho na pele e nas camadas hereditárias que me trouxeram até aqui, no hoje, sinto uma mistura de constrangimento e vergonha, uma culpa, uma sombra que me acompanha passo a passo, grudada na sola do sapato que machuca o calcanhar, dia após dia – incômodo - porque se é racista toda vez que você se beneficia do sistema, e eu tenho me beneficiado desse sistema a vida toda, seja direta, ou indiretamente. Todos os dias, as estatísticas me tornam um privilegiado, o racismo soft e cordial enraizado no pensamento material me beneficia diariamente, também. Branco, hétero, classe-média. O padrão estético que me torna parte do problema é o mesmo que me dá esse privilégio cáustico.

Em ‘Raízes do Brasil’, Sérgio Buarque traça um perfil cordial do cidadão brasileiro, que tem seus vínculos, mesmo que emergidos em hipocrisia, amarrados ao falso companheirismo, às relações sócio-políticas baseadas na ‘afinidade’ ou ‘amizade’ parental. Bruno Latour, em ‘Jamais fomos modernos’, revela o cidadão moderno banhado na estranheza que mistura, por exemplo, crenças e política, religião com estado, ciência com esoterismo, relativizando factoides e falácias palatáveis aos ouvidos que concretizam verdades inventadas, discursos eugenistas e higienistas que se projetam num falso senso de justiça que tornam os absurdos justificáveis: um carro com uma família negra alvejado por mais de 800 tiros; 56% de vítimas da letalidade policial são crianças negras entre 7 a 14 anos; a vereadora mais votada no RJ foi assassinada, negra e favelada. Só neste ano, quatro crianças negras foram assassinadas em operações policiais e ainda há os dados que não chegam nos papéis. Enquanto o genocídio negro se prolonga e se fixa no falso discurso de justiça, a branquitude se abraça às falácias arcaicas e aumenta o emaranhado desse nó górdio que nunca tem fim, ignorando um passado de privilégios que nos torna uma elite pobre, porca e idiotizada, em suma, branco, hétero, classe-média. O Estado é um reflexo social.

Todo esse atraso que segrega de maneira cordial se perpetua todos os dias quando saio pra caminhar e vejo, em totalidade, outdoors com caucasianos loiros de olhos claros nas propagandas de perfume e cosméticos, nos cursinhos preparatórios e colégios particulares, nas cadeiras de cargos altos, na câmara municipal. Nada disso faz sentido, ao mesmo tempo que faz, pois toda nossa estrutura foi formatada nesses moldes, branca, hétero, classe-média. Essa estrutura que nos beneficia socialmente e conserva a branquitude num tipo de valor distópico, messiânico e cruelmente cordial, nos torna parte do problema, nos torna culpados, racistas e parte integrante desse nó górdio impossível de desatar.

A verdade é que precisamos nos limpar, porque sempre estivemos sujos, não nos basta apenas a consciência, mas integrar a realidade, mesmo que cáustica e mesmo que isso

transpareça a culpa estrutural e histórica de uma branquitude carregada pelo privilégio e por uma vantagem ilusória da raça, da cor e da hereditariedade. Jamais fomos modernos, e jamais seremos modernos enquanto a hipocrisia for um valor latente dessa cordialidade branca.

Não basta, mais, assumir a culpa. É preciso cortar esse nó górdio sem solução, mesmo que nos custe a utópica extensão dos membros, dos braços, do orgulho, do Estado.

É preciso mutilar a estrutura,

Explodir,

Dilacerar,

Parar à beira do abismo, sentar-se, admirar o horizonte e saltar,

Porque não existe no passado nada que nos caiba, nada que nos prevaleça, ou que nos faça sentir-se vivos, em qualquer sentido, seja no amor, no ódio, ou nos dois.

Quando cuspi essa massa, cuspi junto o coração e depois plantei pra ver o que nascia,
Não nasceu

Por isso percebi que era precisa plantar algo no meu dentro

Algo novo

Uma nova semente

Não pra renascer

Mas para que na mesma terra

Brotasse algo que se compartilha

E que espalha a sombra

E a calma

Sem descrição

Na distribuição de seus frutos

Na ramificação de seus galhos

No pulsar do peito, nas veias

Nas raízes mais profundas

Que buscam o frescor da água

E as justiça da história

O passado é uma cicatriz necessária.

TAMIRES GIOVANA ROCHA – YIN

O bordado da avó. Os chás da mãe. O xale da bisa.

Reside menina ancestral, mulher que acolhe o tempo.

No meio do mato, da mata e de mim.

Alho para curar. Abacate para embonitar.

Vem a valorização do conhecimento ancestral, de mulheres que só tinham a si para se conhecerem. E a lua para guiar a todas, alumando as gerações.

Cí. Cli. Cas.

- Eu nasci em lua cheia, mãe!

Íntima da rebeldia.

Parceira da resistência.

Hoje costura, cozinha, cura.

Hoje luta, trabalha, incomoda

DIRSON DI ANGELO ANDRADE – ERA UMA VEZ UMA PRAÇA

A praça era de guerra numa era de paz, era uma praça de risos em pueris rituais e era cheia de graça a praça com seus quintais.

Iluminada ela era mesmo sem o luar, a praça que tudo via sem se manifestar... tinha calçadas de pedras para o seu caminhar.

Democrática a praça em festas eventuais, indiferente a cores, credos e classes sociais, era uma praça sem vícios ou vaidades locais.

Ela continha encantos nos quatro cantos praçais, mas deserta está insana - insanos dias atuais. A praça era do povo enquanto éramos normais.

Hoje, na praça, o que mais se alastra é o silêncio; bem na esquina da praça, um cão lambe seu ócio; no parque da praça ecoa aquele “por que” infantil.

ALINE DE SOUZA GOMES – CONTO FRANCÊS

Capítulo I – En apprenant à connaître (Aprendendo a conhecer).

Sono Vento Café Bule assobiando Tevê ligada, já sem sinal. E uma chuva de tempos. Era uma tarde quente, abafada, Louise pensava sobre todo o ócio que se encontrava ali, ou simplesmente divagando sobre ela mesma. Algumas dicas sobre Louise: Pele clara, olhos castanhos escuros, cabelos castanhos claro, 1,59 de altura, sobancelhas curvas e uma franja irregular sobre os cabelos castanhos. Adorava recortes de revistas coladas uns sobre os outros, recortava modelos de publicações de moda francesa e colava seus corpos anoréxicos por cima de corpos americanos obesos movidos pelo consumismo mútuo, além disso, adorava o abstrato, e sentia que filosofava sobre sua vida, andava junto a não positividade das coisas. Ajeitava algumas vezes os cabelos por trás da orelha e molhava os lábios antes de falar. -Talvez o Bule não tenha muito a dizer sobre mim, paguei só 2 £ nessa porcaria! Seu assobio me deixa muito tranquilizada! - -O café? Somente para não me deixar dormir. - A chuva em especial, para acomodá-la suavemente no cobertor, mas isto ela ainda não havia concluído. -É, ter sono às nove da noite me parece uma boa maneira de aproveitar esse fim de domingo! - a TV chiava sem sinal. Aquele domingo parecia dar atenção especial para Louise, logo depois de uma longa discussão com a mãe ao telefone a exatos 500 km de distância. A solidão do pequeno apartamento de Toulouse na França parecia ainda maior naquele dia. Louise e sua mãe costumavam se dar bem naquela época, apesar das várias discussões, estavam de certa forma mais próximas. Heloisa, sua mãe, era uma mulher de gênio forte. Louise havia terminado a faculdade de arquitetura há alguns meses, logo arrumou um pequeno trabalho em um escritório da cidade, coisa que não a agradava muito.

Heloisa conhecia bem os sócios do escritório, até daria certos empurrões para a entrada da filha com suas gabações sobre suas conquistas, o que o chefe não esperava é que Louise não passava de uma aspirante ao cômodo, espalhava os papéis de negócios da firma, costumava ser desatenta, e muitas vezes organizava os vários documentos de forma que nem ela mesma sabia onde estavam, e muitas vezes intencionalmente guardava alguns deles em ordem decrescente.

Mas claro que Hubbens, seu chefe, sabia bem como ser abusivo, costumava ser intolerante com Louise, costumeiramente fazia piadas de mau gosto com todos os seus funcionários, sem falar nos meses de salário atrasado. Havia dias em que o humor de Louise era insuportável, as circunstâncias a tornaram terrivelmente amarga. Pouco tempo depois que começou a trabalhar, o chefe apareceu em sua sala: -Onde estão os documentos dos empréstimos da última semana? -E o senhor me pergunta? Eles não ficaram aos meus cuidados! -Sim, eles ficaram aos seus cuidados, eu mesmo os entreguei a você. Você pode, por favor, me dizer que não os perdeu? -Sim, posso, mas não seria verdade, pois eles nem mesmo foram entregues a mim. -Oh, não foram? E você espera se manter ainda por quanto tempo aqui? -Isso com certeza não é uma decisão que me caiba. -E realmente não é, pegue suas coisas agora mesmo e basta dessa sua petulância.

Estou farto das perdas dos documentos, das horas atrasadas e as milhares de desculpas falhas. Eu respeito sua mãe, mas não vou tolerá-la mais aqui. -Mas o senhor sabe muito bem que os empréstimos ficaram aos cuidados da Adele, sabe que não foi a mim que foram entregues. Eu que estou farta da sua ignorância senhor Hubbens, eu mesma me retiro daqui. - e jogou os vários papéis da mesa no chão, e dessa vez Louise estava certa, os papéis foram entregues à secretária. Louise pegou o carro e saiu pela Rua 32, o sol já se punha e o orvalho já cobria a massa quente do dia. Talvez aquele dia tenha sido um dia frustrante para uma pessoa

comum, mas não para Louise, que sentia que na verdade estava se libertando de algo, ou melhor, se libertando de um grande peso. Em textos inacabados escritos durante a faculdade, agora jogados na escrivaninha da sala, Louise sentia o desejo de terminá-los, dando um fim trágico ao final de cada trecho da história, aproveitando todo o desgosto daquele domingo, mas não o fez. Havia junto à escrivaninha um papel amarelado e velho com uma anotação que nunca mais usaria. A energia elétrica simplesmente havia sumido. Naquele momento pensou ter visto um vulto ágil passar entre a escrivaninha e o sofá. -Talvez seja o Otto. Otto é um gato de pelagem escura e olhos grandes cor de mel, semelhantes a dois botões de roupa, como em um boneco antigo de pano.

Parecia saber sempre se comunicar com Louise, adorava miar em horas inoportunas, exigindo um carinho ou uma tigela de ração, sentava-se na janela e espreitava o movimento noturno, parecia sentir cada canto da casa. Otto recebeu esse nome quando ainda pequeno, deixado em uma caixa de sapato, com apenas dois meses e meio de gato, com uma fitinha de cetim enrolada ao pescocinho, Otto odiava aquela fitinha, e como Louise supunha, foi sua mãe quem o deixou, pois quando pequena costumava colocar a tal fitinha no pescoço de Louise, dizendo torná-la especial.

Na última semana que havia passado na casa da mãe, havia se queixado de querer algo vivo naquele apartamento pequeno, sentia-se muito só. De qualquer forma, Otto era um gato de esperteza, sempre avisando Louise sobre visitantes, além de dar miados fracos e engasgados, porém engraçados. Louise percebeu que o vulto não era de Otto, pois este dormia ao seu lado junto ao braço do sofá. Pensou que não fosse nada, apesar de seu subconsciente estar imóvel e cheio de pensamentos bagunçados e passageiros. Já havia se acostumado a esses leves colapsos do subconsciente, havia tido muitos ao longo da semana, provocados talvez, por sua frustração, desânimo e uma única companhia, seu gato Otto.

Assim que voltou a eletricidade, ouviu o telefone. O apartamento apertado e pequeno a sufocava, a geladeira agora fazia um barulho estranho, a mesa parecia suja e os cantos da sala pareciam atrair aranhas de pernas cumpridas, com suas teias espalhadas. Louise se questionava quem seria ao telefone. Não era sua mãe, e nem seu namorado, pois não tinha um, aliás, não gostava da ideia de que alguém se impunha a ela, ditando velhos padrões sobre um relacionamento que logo mais estaria fadado a mesmice, como aquele casal que estava no café à tarde e não parecia feliz, simplesmente tomando seu café juntos, desgostosos daquilo, levando consigo o peso de alguém ao lado e tendo em mente planos monótonos, casar-se, ter filhos, trabalhar e um dia morrer. Louise odiava a ideia, mas havia sim um alguém durante a faculdade por quem Louise se apaixonou, Cloud, permita-me um fragmento de lembrança. Cloud era um rapaz aspirante a arte moderna, pintor, romântico, cabelos ruivos e finos, óculos de grau, olhos cativantes e firmes, 1,75 de altura e uma camiseta listrada azul e branca. Não possuía móveis pontiagudos, uma vez que sentia tremendo receio sobre eles. Seu apartamento parecia irregular e quadrado comparado aos apartamentos taxados como “lar confortável” de empresas de imóveis. Cloud sentia-se solitário às vezes, porém ao contrário de Louise, era extremamente positivo, esboçava sempre um sorriso ou outro para estranhos sem perceber e andava sempre a passos largos, com as mãos juntas ao bolso do casaco.

Louise passara os semestres anteriores estudando, chegando a ficar horas sem dormir, se preparando para as provas de fim de semestre. École Spéciale d’architecture era um espaço amplo e agradável, que religiosamente recebia seus alunos, que como formigas, corriam de um lado para o outro. Louise se virava como podia, havia se mudado para a cidade há pouco tempo. Era inverno quando corria pelos corredores atrasada, com os cabelos desgrenhados, e um rubor

na maçã do rosto, quando percebeu a presença de um rapaz ruivo parado próximo ao bebedouro Ele lia Auguste Rodin (escultor francês do século XIX). Louise sentiu uma vontade imensa de parar de correr e sem perceber ficou vários minutos ali, parada, observando a presença do rapaz lendo. Apesar de sua ação parecer ilógica, não conseguia se quer mover os olhos para o relógio, o qual fitava incessantemente minutos antes, estava agora notando um estranho que chamava sua atenção, o rapaz molhava as pontas dos dedos compridos junto à boca antes de virar a página de um livro, Parecia muito concentrado e mantinha seus olhos firmes na leitura, a curvatura da sua coluna era a mais estranhamente atraente que Louise já havia visto.

O rapaz sentiu a leve sensação de ser observado, quando levantou o pescoço e perguntou: -Olá, você gostaria de falar algo? - falou de forma tão educada. -Oh, não, quero dizer, só reparei que se interessa por esse escultor! -Auguste Rodin? -Isso, quer dizer, já li algo sobre o que está achando do livro? – pensou que talvez essa foi a pergunta mais inútil e irracional feita ao moço aparentemente cativante e inteligente. -Ótimo, se quiser lhe empresto qualquer dia desses! Estou quase terminando, acho que te vi na aula de arquitetura, estou certo? -Isso, faço arquitetura! Isso mesmo – Sem perceber que havia acabado de deixar escapar um sorriso no canto da boca, talvez tenha ficado por um tempo até perplexa em saber que afinal não fosse invisível naquela desagradável na qual se sentia tão só. Louise costumava fazer os projetos e trabalhos sozinha, acreditava que o talento era algo próprio a não ser compartilhado com qualquer pessoa, e quanto aos seus colegas de classe pouco se interessava.

O professor por vezes sabia bem como ser injusto nas notas semestrais, no último semestre corriam boatos pelo campus que ele havia se envolvido com Michéle. Michéle: olhos rasos, cabelo louro claro na altura dos ombros, lábios carnudos e filha do prefeito de Toulouse. Segundo os boatos, Michéle havia o convencido de dar uma nota melhor em suas aulas. Mas Louise não julgava colegas como ela, só desprezava sua falta de talento, o que julgava de extrema importância, e por mais que houvesse alunas como Michéle, havia também alunos os quais valia a pena conhecer, no entanto ela ainda não havia descoberto. -Fui uma única vez a essa aula, acredito que não é bem a minha área.

Respondeu com um sorriso de canto. -Bom, até que me dou bem! -Na verdade ela não gostava muito, porém era o que realmente fazia bem. -Puxa, tenho outra aula agora, mas nos vemos por aí então. Como disse que se chama mesmo? - Cloud já se despedindo. -Não disse! - imaginava que tinha sido mal educada com sua resposta, tão curta e direta, mas era impulsiva. -Ah, entendi! Sou o Cloud, prazer em conhecê-la, fico contente por não ser o único a gostar de ler sobre escultores, não conheço quase ninguém que goste. - Pôs a mão junto à boca e esboçou um sorriso de leve. Cloud sabia que não era totalmente verdade, já que conhecia muita gente que gostava de ler sobre escultores, aliás, quem emprestou o livro sobre Auguste foi justamente um colega próximo. -Me desculpe, acho que estou um pouco desligada hoje. E pelo visto atrasada. - e correu os olhos para o relógio de pulso - Oh meu Deus, que horas são? Já passam das oito. -Saiu apressada, sem ao menos dizer o nome e quando deu por si, olhou para trás pelos ombros, o rapaz já havia sumido-. -Poxa sou mesmo desligada, nem se quer disse meu nome! Droga, sua lesada. Mas essa não seria a última vez em que o veria.

Um mês depois, Louise estava passando pela cantina do campus como de costume, andava depressa e estava distraída pedindo seu suco de laranja para senhorita Marli, que gerenciava a cantina. Reparou que os cadarços do seu velho tênis marrom estavam desamarrados, e enquanto entrelaçava-os, observou que novamente lá estava ele, de pé, com seu casaco gracioso e outro livro em mãos, correu os olhos para os firmes olhos de Cloud, que

agora notavam sua presença: -Cloud, olá, quero dizer, quanto tempo, eu nem disse meu nome naquele dia, me sinto envergonhada. Sou Louise. – Estava jogando as palavras uma a uma de forma que parecia engasgar um pouco. -Olá, percebi que estava realmente atrasada, não se preocupe quanto a isso. Que nome gracioso. – Tentando ser educado como de costume, esboçando um leve sorriso. -Ah, não o acho tão gracioso assim, mas agradeço. -A graça de um nome se encontra na simplicidade da escolha, e nisso seus pais acertaram. E por um minuto Louise teve um reflexo de lembrança sobre seu pai, homem pelo qual não há motivos que valha citar suas características, e que sabia bem ela que não, não havia participação do mesmo na escolha do nome. -Se está dizendo. Aceita um suco? Louise se vira e oferece seu copo de suco de laranja-. -Obrigado, mas acabei de tomar um expresso. Terminei o livro, e se quiser posso te emprestar, está em algum lugar aqui na minha mochila. - Vasculhando a mochila azul com detalhes escuros que combinavam de certa forma com o que vestia-. -É mesmo, havia até me esquecido, o que achou? -Achei ótimo. Aqui está! – Entregando a ela o livro de páginas amarelas e capa escura-. Podemos marcar de tomar um café quando terminar o livro, e então pode me devolver, sem pressa. -Ah, claro, pode ser! – Não conseguiu dizer mais que isso e por dentro sentiu uma leve euforia subir pelo peito. -Já vou para a minha aula, pode me passar seu número, quer dizer, para podermos marcar o café? Antes mesmo que ele perguntasse, Louise já estava retirando um lápis preto e uma folha amarela de lembretes da bolsa. Escreveu o número e entregou-o. -Você pode me emprestar uma dessas suas folhas de lembrete para que eu possa anotar o meu, caso precise? -Claro! - Louise agora reparava no tamanho dos números que Cloud escrevia, que estavam dispostos no papel de forma incrivelmente regular. -Se você precisar é só me ligar! -Tá bom, farei isso. -Até mais! - Despediram-se

Capítulo 2-Amour et Insuccès (Amor e Fracasso).

Ainda durante a faculdade, navegando em um fragmento de lembrança. Cloud sentia um enorme prazer em relembrar os traços de Louise. Passaram-se algumas semanas até que finalmente ele tomasse coragem e ligasse, concluiu que talvez já terminasse o livro, ligou, e enquanto esperava na linha imaginava se Louise sentia a mesma afeição por ele: -Alô -Oi Louise, tudo bem com você? Com está indo a leitura? É o Cloud. -Ah Cloud, estou bem e você? - sua respiração estava agora em um compasso mais acelerado. - Já terminei a leitura e posso te dizer que me tornei uma fã de Rodin. - O que não era verdade, pois ainda faltavam alguns capítulos para terminar o livro, mas sua ansiedade em vê-lo era maior-. E você, como está? -Poxa eu fico muito feliz, pois eu mesmo sou um fã nato, estou bem, e fico animado em saber que você tenha gostado da leitura. Você quer devolvê-lo? Não que eu esteja querendo o livro, e não liguei para apressar sua leitura, só queria mesmo saber como estão indo as coisas. – Cloud atropelava as palavras na ansiedade, e foi interrompido por Louise. -Imagina Cloud, eu entendo perfeitamente, que tal a gente se encontrar para eu devolver o livro? -Sim, claro, que tal no Le Coffee? É um ambiente bem proveitoso para conversarmos. -Também acho um ótimo ambiente, que horas? -Às sete? -Ok. -Ok então, vou ter que desligar, amanhã cedo você sabe, tenho aula, bonne nuit Louise! -Bonne nuit Cloud, obrigada por ter ligado! -imagina! E Louise corava com um sorriso bobo. Esse talvez fosse um fragmento forte de lembrança de Louise, ela marcou o local e horário em um papel rasgado de algum bloquinho de lembretes que encontrou ao lado do telefone, foi a última coisa que marcou sobre Cloud e que agora se encontrava junto a sua escrivaninha, entre outros escritos inacabados. Encontraram-se, conversaram, trocaram risadas e coisas em comum, como Four Seasons, de Vivaldi. Naquele dia, em seu primeiro “encontro”, Louise usava um casaco escuro não muito longo e uma presilha no cabelo. Já Cloud, estava com uma camiseta listrada preta e branca, um casaco curto bege escuro, uma calça jeans e um sorriso encantador. Na mente de Cloud, talvez até imaginasse por um instante ouvir uma música

distante, que tornava a conversa ainda mais agradável. Ele se interessava mais por Bach, Mozart, Chopin entre outros nomes da música clássica, e não deixou de mencionar Nocturne, sua preferida de Chopin. Já ela se interessava mais por France Gall, Sonic Youth, U2 e outros sons contemporâneos. O clima tão ameno de outono rosava as bochechas de Louise, as folhas que preenchiam a calçada pareciam tingir de um colorido simpático todo o chão, e o vento fraco que insistia em balançar os cabelos de Cloud, ambos compartilhavam de uma conversa agradável. Comentou com Louise sobre suas tentativas de pinturas, já que agora se ocupava com a arte abstrata, o que a fascinou ainda mais. Não deixou de citar que desejava pintar Louise, dizia que seu rosto era leve, os olhos perfeitamente serenos, cabelos suaves e macios, não economizou nas qualidades. Acanhada, sentia de leve o perfume amadeirado de Cloud, com um adocicado fraco, e que o vento insistia em trazer para perto de seu rosto, sentindo todo seu encanto em falar sobre seus hobbies. Além de tantas risadas e interesses, compartilharam um beijo, tão intenso e simples, mas tão inesperado e doce, para Louise o primeiro. Por um instante esqueceram do café, das risadas, da faculdade, das exigências da mãe e somente sentiam o encostar de seus lábios em um intenso beijo, o coração pulsava com mais força, as mãos suavam e se encontravam de leve, as bochechas agora tomadas por um rubor.

Louise nunca antes tinha se interessado por relacionamentos, lembrava-se de seus quatorze e quinze anos, quando dera um forte pisão no pé de um menino, Adrien, o qual inocentemente tentou beijá-la a força. Adrien: cabelos escuros, pele bronzeada, rosto largo, olhos castanhos claros, garoto popular da escola e filho da diretora. Louise não era muito popular entre garotos ou amigos, a não ser um de pano que sua mãe havia-lhe dado na infância. Costumava acreditar nos contos dos livros adolescentes que lia, o amor para ela era o que a lua é para as marés, e tudo isso era oculto em seu próprio coração, já que não demonstrava suas crenças no amor. Porém com o tempo, a lua já não era suficiente para controlar sua maré de sentimentos. De volta ao beijo, Cloud e ela ficaram se olhando por alguns segundos, e caminharam para uma praça, juntos, de mãos dadas, passando por uma ponte com vista para um lago e um espaço de piquenique onde alguns casais estavam. -Louise, posso lhe confessar algo? – Com a voz levemente trêmula. - Nunca antes havia beijado alguém com tanto sentimento, tive uma infância e adolescência solitária, sempre fiquei tão focado aos estudos e livros que só tive uma namorada por pouco tempo, e não nos dávamos bem, isso é algum problema para você? - As mãos agora trêmulas e um pouco ansiosas de Cloud entrelaçavam as de Louise, cujo pensamento para ele ainda era um mistério. Ela ficou imóvel, como poderia acreditar que fosse verdade? Como acreditar que encontrou alguém tão parecido consigo, tão aparentemente perfeito. Simplesmente sorriu e não soube como lhe contar, que tal sentimento lhe trazia agora sensações que nunca antes havia experimentado, e como isso aconteceu se perguntava, pensando se tomou mesmo algum café. -Oras Cloud, como isso poderia ser algo ruim? Penso que esse sentimento seria o melhor de um beijo. - Concluiu Louise. Despediram-se naquela noite, Louise agora em seu quarto sentia como que flutuando, sonhando acordada com todo o ocorrido, passava as mãos entre as folhas do livro que se esqueceu de devolver a Cloud. Se viam na faculdade durante a semana, faziam planos para os fins de semana, trocavam livros, trocavam interesses, e assim se sucederam aqueles meses tão inesperados e incríveis para Louise e Cloud. Havia, no entanto, dias em que ambos discordavam sobre um livro ou sobre uma cor, e era nesses dias em que fortaleciam ainda mais o que sentiam. Para Louise concordar sobre tudo não é amor é falta de opinião, e para um relacionamento falta de opinião é o mesmo que não ser você. E o mais estimulante em um relacionamento é discordar pacientemente de forma respeitosa. Seus planos agora estavam dando rumo a caminhos mais longos, e juntos sentiam-

se não como aquele casal monótono e sem vida, mas como um casal recém-enamorado, trocando poemas, dentre os quais Louise nunca pôde esquecer, Soneto de Willian Shakespeare:

“Comment te comparer aux beaux jours de l'Eté? Ta grâce est plus aimable et ton humeur plus douce: Son vent rude abolit les bourgeons veloutés Et son bail est bien court: déjà l'Hiver le pousse. Parfois l'oeil du soleil nous brûle son ardeur, Souvent l'or de son teint se ternit et s'efface, Suivant le cours changeant d'un hasard destructeur Toute fleur de beauté perd sa fleur et sa grâce. Mais toi, point ne verras se flétrir ton printemps, Ni se faner jamais tes beautés immortelles, Ni la Mort se vanter de ton fantômes errant: Tu grandis à toujours en rimes éternelles. Tant que vivra le monde, - et l'amour et l'envie, - Vivront ces vers, et ces vers-là donnent la vie! De son Cloud.” Dizia: “Se te comparo a um dia de verão És por certo mais belo e mais ameno O vento espalha as folhas pelo chão E o tempo do verão é bem pequeno. Às vezes brilha o Sol em demasia Outras vezes desmaia com frieza; O que é belo declina num só dia, na terna mutação da natureza. Mas em ti o verão será eterno, E a beleza que tens não perderás; nem chegarás da morte ao triste inverno: Nestas linhas com o tempo crescerás. E enquanto nesta terra houver um ser, meus versos vivos te farão viver

De seu Cloud”.

Agora Cloud parecia sempre mapear os movimentos de Louise, sabia que quando ela mentia seu nariz mexia, e quando nervosa amarrava os cabelos castanhos, quando feliz falava sobre vários assuntos aleatórios e esboçava grande sorriso em seu rosto. Sabia de suas impulsividades, suas manias, suas músicas, e sabia o quanto Louise adorava que ele a beijasse na testa. Louise sabia que quando Cloud mentia suas bochechas tomavam uma cor rosada, sabia que quando nervoso ele estalava os dedos, quando feliz esboçava sorrisos que só Louise via, e ela sabia que Cloud tinha seis sorrisos diferentes, um para cada emoção e identificava a todos. Sabia perfeitamente de como o fazia feliz e vice-versa. Passados 10 meses desde que Louise e Cloud se encontraram pela primeira vez, já pensavam em algo mais sério, e Cloud procurava as palavras certas para um convite mais formal, quem sabe uma união mais sólida, e nunca antes Cloud havia tido tanta inspiração para a arte, pintava todos os seus sentimentos em quadros, suas pinturas tinham traços mais abstratos, de que se destacavam as cores turquesa e vermelho. Louise havia conseguido um emprego estável em uma boa empresa da cidade e tinha agora um contato mais próximo com a mãe. Todos os dias após a aula, havia aquele anseio um pelo outro. Certa tarde Cloud não apareceu como de costume em um de seus encontros após a aula, havia faltado, o que não era comum, Louise ficou sentada por horas aguardando sua chegada, e quando se deu conta que a noite já se aproximava, decidiu ir para casa e esperar que Cloud fizesse uma ligação ou fosse à sua casa com alguma explicação. Mas naquele dia ele não apareceu. Na verdade, ele estava em uma cidade próxima a Toulouse, na casa do pai, já que havia recebido uma ligação pela manhã e sua mãe não estava bem de saúde. Cloud cresceu em uma cidadela chamada Gaillac, onde foi criado até a adolescência, quando se mudou aos 19 para que iniciasse os estudos na École d'architecture. Mãe de Cloud: Cabelos castanhos escuros, olhos claros, 1,70 de altura, adorava cozinhar, e era sempre amorosa. O pai: Cabelos ruivos, olhos igualmente castanhos, 1,78 de altura, adorava ler e incentivar Cloud com curiosidades sobre diversas coisas, além de ser sempre gentil. Cloud teve uma infância solitária por ser filho único e de poucos colegas na escola, dedicou muito tempo para a leitura e estudos, teve um amigo de infância, Elric, que por muito tempo foi seu único amigo, porém por ter se casado muito cedo perdeu o contato com Cloud. Cloud costumava ser muito apegado à mãe, e quando recebeu a ligação logo foi para Gaillac, sua mãe estava com embolia pulmonar, e o médico apesar de não detalhar a situação, assegurou que com tratamento adequado tudo ocorreria

bem. No outro dia pela manhã Cloud ligou para Louise, avisando que passaria a semana lá acompanhando o repouso da mãe. Na mesma semana marcaram de se encontrar no Le Coffee, e como de costume Cloud estava correndo desatento, atravessava a rua ao encontro de Louise, sem olhar para os lados. Carros Luzes Pavor Silêncio E um grito estridente a plenos pulmões. E foi assim que Cloud desapareceu para sempre da vida de Louise, tão inesperadamente como havia surgido. Fraturou o crânio e ossos, que agora estavam esmagados próximo ao pneu do carro vermelho. O motorista só disse ter perdido total controle do veículo. Foi encontrado em seu casaco, o poema que ele havia escrito a Louise, entregaria naquele dia, "Soneto Willian Shakespeare". Louise, imóvel, olhando tudo acontecer, viu sua pele tomar uma cor pálida e esbranquiçada, totalmente sem vida. Seus olhos brilhantes estavam cheios de lágrimas, que deixavam seu rosto ainda mais perplexo, suas mãos trêmulas, e as pernas sem movimento. E naquele dia em meio a carros e curiosos, próximo dos pneus do carro estava Cloud, bem ali, real como nunca, um pesadelo vívido de Louise, sentiu que todo o seu bem que procurava e todo o seu mal em que não gostaria de encontrar estava ali, e era ele seu definitivo yin-yang. Cloud, agora em baixo daquele pneu, parecia possuir a mais triste das feições que Louise já vira. Desesperada, levou as mãos trêmulas ao rosto, erguendo os olhos para o céu e questionando o estava alí em sua frente. Não é necessário dizer que Louise teve umas das mais terríveis experiências, e depois daquilo tudo desabou. Seu fracasso só começava. Depois de uma longa semana trancafiada em um apartamento com um gato, e uma tremenda dor de cabeça acompanhada de insônia, recebeu a visita da mãe, que chegou com malas e mais malas, como se fosse ficar por semanas: -Oh meu Deus Louise, está pálida, anêmica, aposto que não tem comido nada. -Eu estou bem mãe, por que veio? Posso me virar sozinha. -Vou lhe preparar alguma coisa, está anêmica, anêmica. -Mãe, você já pode ir, agradeço a visita. -Louise, eu entendo tudo que está passando, quero estar aqui para lhe ajudar, não vou embora. E a mãe ficou naquela noite. Depois de imensas visões de Cloud entrando em seu quarto e lhe dando um beijo de boa noite, Louise surtou. Saiu do seu quarto com uma expressão de desespero, correu para fora do apartamento, pegou seu carro e foi sem rumo pelas ruas. Bateu em uma árvore próxima ao parque e gritava como nunca antes. Saltou no rio, permaneceu mórbida, sufocando junto a água, sem se debater, o corpo ficou gelado e submerso. Foi interrompida pela mãe que estava desesperada, puxando-a. -Eu sabia Louise, sabia que tentaria novamente. - Abraçando-a agora como se a tivesse perdido para sempre. -Me perdoe mãe, mas eu não posso suportar, não posso. -Você pode. Louise ficou em silêncio e não mencionou mais nenhuma palavra à mãe na volta para casa. Naquela noite ela esgotava suas forças. Com o passar dos meses, Louise sufucou todo seu sentimento e dor, até que finalmente esquecesse parcialmente de Cloud. Os anos se passaram, e o telefone tocava. -Alô. - Atendeu Louise. -Senhorita Rousseau? -Sim!? - Departamento de assassinatos, a senhorita pode comparecer ao departamento amanhã às oito? Gostaria de ser direto, onde a senhorita estava na noite de ontem às onze da noite? Com quem estava? As palavras ao telefone atingiram Louise como um tijolo em sua cabeça, estava praticamente sendo acusada de algum assassinato que nem se quer sabia do ocorrido. -Como é? O que houve? -Bom, a senhorita foi vista na noite de ontem saindo do café Toulouse, logo depois do incidente com o Senhor Hubbens. E temos indícios suficientes para saber que tem motivos para ser a principal suspeita. Sim, senhor Hubbens era o ex-chefe com quem ela havia trabalhado. -Não saia da cidade nessa semana e compareça ao Departamento de Assasinos de Toulouse amanhã às oito, passar bem! Seus problemas pareciam não ter fim. Chegou a se questionar se, em algum momento da sua vida, havia se sentido de fato viva. Lembrou de Cloud, sua figura meiga e educada de cabelos ruivos parecia se materializar na sala daquele pequeno apartamento sujo e desleixado, onde um gato dormia no braço do sofá com um semblante tão calmo, sem saber o que eram problemas. Cloud se materializava cada vez mais intensamente na

sala, dando sua mão à Louise e convidando-a para uma valsa de Paris. Beijava sua mão de leve, segurava em sua cintura e dizia que os problemas chegariam ao fim. E com um vento leve que vinha da janela entreaberta, Cloud se foi, como em um sopro. Voltou para si, tomou alguns comprimidos de “Valeriana”, um calmante e tanto. Sentiu-se mais sã, tentava assimilar tudo que estava ocorrendo, pensando agora em dormir e querendo não acordar. Deitou-se. No outro dia acordou rápido como se estivesse em um pesadelo sem fim, observou o relógio que dizia passar das oito, correu e se encontrava agora parada em frente ao Departamento de Assassinato, de cabelos bagunçados, feição aflita e olhos roxos como os de quem não dormia há dias. Não se lembrava bem como tudo ocorreu, mas sabia que participava de uma investigação, na qual era a principal suspeita. Hubbens foi encontrado morto no Café Toulouse, morto a tiros, com um bilhete no bolso do paletó onde se dizia: “Hubbens, peço minhas humildes desculpas pelo desacato, gostaria de encontrar-lhe às 10 e meia em frente ao Café Toulouse, tenho assuntos a tratar. Ass: Você sabe quem!” Agora estava sendo acusada com provas que não sabia ter deixado, pensava que talvez tivesse dupla personalidade, leu isso em algum livro que descrevia transtornos mentais, mas não, definitivamente não havia deixado aquele bilhete, não era sua letra. Por um momento queria aceitar a culpa, responder por um crime não cometido e ser trancafiada em uma prisão para o resto de sua vida. O devaneio foi interrompido por um rapaz aflito que entrava de repente pela porta do Departamento, dizendo coisas que soavam sem sentido algum para um desconhecido. -Não foi ela, não foi, não foi! – Retomando o fôlego. -O que está dizendo, rapaz? Como pode entrar assim de repente, questionando minhas suspeitas.

-Posso lhe afirmar que não foi ela, sou detetive particular senhor, meu nome é Remy, Remy Bessé. Venho investigando o senhor Hubbens, pois sua mulher o desconfiava estivesse tendo um caso com uma jovem secretária. Remy Bessé: Jovem, determinado, e não admitia em hipótese alguma que um inocente fosse acusado injustamente, cabelos encaracolados negros como a noite, olhos meigos, porém firmes e atentos, lábios largos, 1,78 de altura, vestindo um casaco escuro. Nas horas vagas tocava violino e odiava chegar atrasado a um compromisso. Seu hobby favorito era fotografar os pombos do parque, quando ninguém mais encontrava utilidade a eles, Remmy encontrava, eram fotogênicos. -Estas são as fotos entre dez, e dez e meia daquela noite. –Espalhava agora fotos de Hubbens e a secretária, juntos conversando em frente ao Café Toulouse. – Tudo me leva a crer que foi a secretária, fiz uma investigação sobre a senhorita Adele, e ela tem motivos suficientes para ter feito, e teria ainda uma arma, veja o senhor mesmo, esse é o recibo da loja de Armas. O rapaz era mais que convincente, e assim como todos os fatos turbulentos na vida de Louise, seu herói desconhecido apareceria e a salvava de repente. -Vou mandar viaturas, e você não saia daí, ainda não fechamos o caso. – Disse o policial do Departamento apontando para Louise. E aquela sala parecia maior e silenciosa, a pequena saleta em que alguns minutos atrás ela estava sendo acusada de assassinato. -Eu gostaria de ter vindo antes, mas demorei para juntar provas suficientes da senhorita Adele. -Ah, gostaria de dizer que você salvou minha vida, mas eu estava gostando da ideia de ser presa por um crime que não cometi. - Disse Louise, já não tendo mais noção do que estava falando. -Não diga isso, não seria justo, senhorita. -E o que é justo e o que, não é? Olha, agradeço o que fez, mas está esperando o que? Uma medalha? -Não, claro que não, eu só... – Não se atreveu a terminar o que diria, por que nem ao menos sabia o porquê daquela situação, estava ali ajudando uma estranha que estava sendo acusada injustamente, mas ela não queria sua ajuda. Colocou seu cartão de detetive particular na mesinha perto de Louise e saiu. -Detetives de merda! Não vejo por que guardar esse cartão. – Jogou o cartão no bolso do casaco, onde esqueceria por um tempo. Depois de horas sentadas na saleta, o policial do Departamento aparece na sala. -E não é que o rapaz tinha razão, ao chegarmos à casa da senhorita Adele ela confessou todo o crime. Não foi

necessário nem mesmo perguntas, ela estava definitivamente fora de si. Aliás, cadê o rapaz? - Ele foi embora, e acho que agora posso ir também! -Bom, acho que lhe devo desculpas, senhorita Rousseau. Assentiu com a cabeça, saiu do departamento com a sensação de que não foi a mesma nos últimos tempos, nunca antes sua vida tinha estado tão agitada. Voltava para casa e lá resolveu ficar nas últimas semanas, sem atender telefonemas ou receber visitas, simplesmente estava lá por estar. Capítulo 3-Jours meilleurs?! (Dias melhores?!). Houve um tempo em que Louise participava do Clube do Livro de Toulouse, sentia-se cansada por ficar presa ao apartamento junto à dor. Apesar de possuir apenas um número pequeno de participantes, o clube agora a atraía todos os sábados. Em destes dias a presença de uma nova participante, que inquieta, batia os joelhos, mexia os ombros de forma peculiar, aparentava ser impaciente, mas nunca falava, mantendo sempre os olhos fixos no chão. Corpo magro até demais para sua aparente idade, cabelos compridos e louros, roupas gastas e um cigarro. No Clube do Livro, não importava quem você era, ou que tipo de roupa vestia, só bastava aparecer aos sábados. Nem mesmo era exigido especificar livros favoritos, o que talvez fizesse com que Louise se desse tão bem com o novo ritual semanal. Naquele sábado, arriscou uma conversa com a estranha que vinha observando: -Oi, percebi que é nova aqui, qual o seu livro favorito? - Nenhum, não leio. Louise sentiu um desconforto, pensando o que fazia ali alguém que nem ao menos lia? Por que alguém vai ao Clube do Livro se não lê? -Não estou a fim de amizades, só estou aqui passando a merda do meu tempo. Louise parou por um instante buscando com os olhos agora nervosos, uma resposta mais clara, quando se deu conta que seu gosto pela leitura já não era o mesmo há tempos, e só estava ali para passar o tempo, assim como aquela estranha. Era a primeira vez que tentava fazer amizades no grupo. -Sabe, eu espero todos os dias que eu durma e não acorde mais, que eu finalmente possa me livrar dessa maldita bulimia. Realmente espero que esse seja meu último dia, assim como espero em todos os outros, durmo em um banco e espero que eu não acorde mais, e de repente você se vê em uma praça cercada por pessoas que agora riem da sua cara, da sua aparência e de todo o seu talento que um dia foi jogado no lixo. Talvez o que Louise agora percebeu ali naquele clube, foi que, seus problemas não fossem maiores do que seu próprio apego ao passado, simplesmente mantendo sua dor por tempo demais. -O que está olhando? Seu corpo é perfeito, suas roupas são limpas, então eu lhe pergunto: o que está fazendo nesse clube? Reparo que as pessoas estão aqui simplesmente por estar, e não por amor aos livros ou à literatura. Veja a Senhora Anete, só está esperando o dia em que não acordará mais, está velha e reclamona! Por favor, vá viver sua vida, se não por você, faça por alguém que lhe importe muito. E naquele momento Louise ficou totalmente sem reação, simplesmente pensando. -Ok, senhorita muda, espero não a ver aqui na semana que vem, vou para o meu banco. -Espere! -Não espere! - Soltou um sorriso de leve, como quem dizia, seja feliz sua idiota, e piscou para Louise. Saiu do clube, voltou para casa, e ali junto à escrivaninha pegava textos inacabados. Do lado direito estava um papel amarelo aparentando ser um lembrete, era o lembrete de seu primeiro encontro com Cloud. Começava agora a terminar histórias e contos, percebendo o quão provocador era desafiar a si mesma. O papel amarelo agora estava no lixo embaixo da escrivaninha, que horas depois com um peso enorme pegou de volta, guardando em uma das gavetas, onde o esqueceria por um bom tempo. Decidiu que talvez fosse hora de recomeçar, de se tornar outra Louise, aproveitou um sábado, e conseguiu terminar um de seus contos "Minuscule Détail" (Minúsculo Detalhe), pensou seriamente em publicá-lo, recebeu uma boa proposta enquanto estava na faculdade. Sua mãe o havia conseguido um emprego meio boca, do qual ela fez questão de ser despedida, e agora tentava recomeçar. Começou a vasculhar onde havia marcado aquele número que podia realmente ajudar a mudar sua vida, pôs a mão no casaco, e se deparou com o cartão do detetive Remy, pegou o cartão e começou a analisá-lo como se pensasse por algum momento na

possibilidade de ligar para ele e agradecer corretamente, afinal ele havia a ajudado, e se não fosse sua ajuda, talvez Louise não tivesse participado do Clube do Livro, não teria conhecido a estranha e principalmente não teria pensado na possibilidade de recomeçar. E como em um estímulo involuntário, levou a mão ao telefone, estava discando os números e na outra linha conseguiu ouvir com uma voz grossa: -Detetive Remy. Não falou nada, simplesmente desligou o telefone, não tinha coragem de falar com ele. Sentou no sofá, e entre devaneios: -Como era mesmo aquele tal de Remy? Pareceu ser educado, queria entender por que ele me ajudou. – Concluindo isso, fechou os olhos e acabou dormindo, já era tarde, passava da 1 hora da manhã. Acordou no outro dia, suas mãos estavam firmes e cerradas, como se as tivesse usando para manipular algo pesado, como um bastão ou um rifle, estava suando frio, e sentiu seu corpo pesado, acabava de sair de um pesadelo, lembrava-se pouco dele, mas de uma coisa lembrava, ela matava Cloud, ela mesma matava Cloud com suas próprias mãos, fazia isso a mando dele mesmo, que a pedia incessantemente para que o matasse e se libertasse dele para sempre, que pudesse realmente estar livre para recomeçar. Agora sentia suas mãos doloridas e pesadas, o coração acelerado, e concluiu meneando a cabeça: -EU MATEI CLOUD. Saiu rapidamente de seu apartamento, corria desenfreadamente pelas ruas, quando esbarrou em uma senhora sorridente, que carregava em uma das mãos uma rosa vermelha e muito bonita. Louise não tirou os olhos da rosa que agora era oferecida pela mulher de feição de meia idade. Não parou, continuou correndo, sem que ousasse parar, virou uma rua curva ofegante, onde um carro parou bruscamente em sua frente, e Louise finalmente parou, olhou para o carro do qual saltou um rapaz assustado, indagando: -oh Meu Deus, eu te matei? Você não está bem, está? Sim, era Remy Bessé, talvez aquela situação parecesse clichê demais para uma situação comum, mas convenhamos, quando o destino trata de nos propor situações elas simplesmente acontecem, mesmo que sejam mais que clichês. -Não acredito, atropelei justo você? Olha, antes que me encha de xingamentos, eu posso... -Não, você não viu, eu que estava correndo pelos cantos, esqueça isso, aliás, obrigada por aquele dia, mas tenho que ir. - E saiu correndo novamente, sentiu que fez bem em agradecer, mas ainda não era hora de parar, ainda tinha que continuar correndo, e deixar todo seu passado para trás de uma vez por todas. Correu com suas lágrimas que caíam, como se estivesse lavando a alma, correndo até cansar. Parou e sentiu que agora sim era hora de voltar, já era quase fim de tarde, parou e sentou-se em um banco, olhou em volta, já estava distante de todo movimento da cidade, ficou parada perplexa ao ver o sol se pondo, percebeu que em todos esses anos se preocupando tanto com o passado nunca antes havia parado e olhado para o horizonte, os raios de sol atravessavam o céu com feixes de luz que pareciam sumir aos poucos um a um, até se esconder por completo. Enxugou o rosto molhado de suor com a barra da manga da blusa azul clara que vestia, chamou um táxi e voltou para casa. Em casa agora jogava fora papéis antigos, quando encontrou finalmente o número da proposta de trabalho, era uma boa oportunidade e arriscou ligar. O comprador, dono de um importante editora da cidade, disse que se interessaria em um conto sobre a sociedade e seus detalhes minúsculos, marcavam agora uma reunião na semana seguinte. Com o passar da semana e todas as mudanças acontecendo, Louise foi à reunião, o comprador disse que o enredo era ótimo, fizeram um acordo para publicar o conto. Tudo parecia ir razoavelmente bem, seu excêntrico conto agora vendia, era realista e caçoava de pessoas e de seus modos estranhos, a forma pela qual o status era mais importante do que a simpatia numa cidade como aquela a indagava, chegava a pensar que talvez fosse censurada em um de seus contos, mas não tinham a capacidade de pensar que havia algo ameaçador ali.

Cloud nunca mais havia a visitado desde seu último pesadelo, e Louise pode desfrutar do melhor que poderia oferecer ao seu público, estava viva como nunca, um espírito jovem e

ensurdecedor, transbordava ideias de um modo alternativo. Contanto que tudo em seu próximo livro ocorresse bem, Louise estaria bem, não tinha outras preocupações, só se preocupava consigo mesma. Em um de seus contos chegou a mencionar a estranha mulher do Clube do Livro que a ajudou, o único que não mencionou foi Remy, pois ela sabia bem que ele era o principal causador de sua mudança, ele ainda era misterioso para ela, ainda se sentia em débito. Em dias melhores, estava sentada tomando um cappuccino com chantili, lendo um jornal, quando já passava do meio dia, Otto estava junto ao seu pé passando entre suas pernas e ronronando, a TV desligada, e um silêncio que a fazia bem, confortando-a. Calçou o tênis, respirou fundo e se levantou do sofá, para um dia comum tudo parecia ir bem, mas alguma coisa a incomodava, não era tristeza, dor ou repulsa, era algum assunto mal resolvido. Não hesitou com o telefone, ligou para a mãe para saber como ela estava, e decidiu que agora uma viagem à pequena cidade em que passou a infância poderia ser uma boa forma de descansar, e claro que levou Otto junto. Sua infância na pequena comuna Muret de Toulouse havia sido turbulenta, um tanto solitária, e por vezes bem confusa, mas nem todo tempo foi em transtornos, Louise se sentia segura no seu quarto, onde passava a maior parte do tempo, por vezes lendo e até pesquisando em livros da biblioteca da escola, Louise também adorava desenhar, quase nunca saía pra brincar e socializar com as demais crianças do bairro, uma vez em uma de suas idas a biblioteca da escola Louise encontrou um filhote de pássaro caído de um dos galhos das árvores próximas, o pássaro estava todo machucado e ensanguentado, Louise não conseguia expressar nenhum sentimento de pena pelo animal, se esforçava para sentir uma outra expressão que não fosse a normalidade para uma situação como aquela, Louise costumava ser calculista. Apesar da falta de compaixão não encontrada em si mesma, pegou o pássaro e o levou para casa, guardando-o numa pequena caixa fechada, para que morresse sufocado aos poucos, e de todo o absurdo desta situação, que para ela era o mais normal e cabível, já que o pássaro morreria. Depois de um certo tempo, lembrou dessa situação por algumas vezes em sua vida, que para ela era algo como um sentimento de remorso. Os seus olhos quando jovem obtinham uma inocência diferente da qual as crianças normalmente tem. Alcoólatra, o pai costumava chegar tarde da noite, enraivecido por tão pouco, sempre com os olhos tão vermelhos e fundos, pedindo seus conhaques, que as vezes a mãe de Louise escondia no armário, ele nunca deixava barato, e não precisava de motivos para iniciar uma briga ou uma longa discussão com a mulher em que na maioria das vezes ela se saísse ferida tanto emocionalmente quanto fisicamente, essas são marcas que não foram facilmente esquecidas, Louise não costumava participar das discussões, pois na maior parte do tempo estava no seu quarto. Durante a infância e pré-adolescência, tinha um contato muito vago com a mãe, quase nunca trocavam palavras, não era do feitio da mãe esperar um contato espontâneo dela, ou tentar sequer um contato, a forma pela qual se relacionavam era de estranhas, a mãe costumava ter características que hoje já não tem mais, de olhos fundos, atentos e firmes, sobancelhas sempre franzidas, e um cigarro entre os dedos. Havia uma pequena cicatriz no rosto da mãe de Louise, que não é de fácil esquecimento, logo depois de cinco garrafas não era difícil imaginar que o previsível aconteceria, o pai de Louise apareceu enfurecido dizendo que todos os seus últimos conhaques haviam sumido, como de costume, e que a Heloisa era responsável, e nas palavras dele, deveria ser punida. Seus laços entre marido e mulher já não existiam há tempos, ele queria expor seus argumentos que nada mais eram que palavras engasgadas e que saíam aos soluços de uma boca cheia de álcool. Manuseando uma das facas do faqueiro próximo à geladeira, golpeou o rosto dela. Ouvindo os gritos, os vizinhos chamaram a polícia, mas não a tempo de impedir uma grande cicatriz. No dia, Louise havia se trancado no quarto logo depois que se iniciou a discussão, como de costume, mas ao ouvir os gritos desceu as escadas para ver o ocorrido, e não pôde fazer nada mais do que assistir tudo pelo canto da porta da saleta que dava acesso à cozinha da casa. Assistia calada, observando a

chegada dos policiais, e vendo o pai ser preso e a mãe levada ao hospital. Os pais se separaram logo depois do ocorrido, e sua mãe pôde dar uma abertura para aproximação, e o contato entre elas parecia estar melhor a cada dia. Quando adolescente Louise prometeu a si mesma que todas essas lembranças seriam apagadas de sua memória ou, pelo menos, esquecidas até que um dia essa ferida se cicatrizasse. Estava agora a caminho de sua velha cidade, no trem imaginava como seria ao pisar naquele velho ambiente cheio de antigos maus hábitos, olhava pela janela suja o movimento do trem que a cada vez mais a aproximava da cidade, a velocidade pela qual ele fazia aquilo que tinha que fazer de forma tão natural, e as árvores que pareciam se mover de forma engraçada decorando todo aquele cenário melodramático de recém-chegada. Quando o trem finalmente parou, Louise desceu com a sensação estranha de que lhe faltava algo, naquele momento o vento estava ameno e suave dando as boas-vindas a ela e à chegada do verão. Seguiu para a antiga casa, contornando cada curva da rua, cada pedra da calçada e cada poste velho, observando cada casa nova do bairro. Chegando em sua rua, observou uma árvore com galhos espalhafatosos, e ali ela reviu o que há anos a pequena Louise descobriu, a sua antipatia para a compaixão, que agora era símbolo de remorso e tristeza. Ao atravessar a porta da antiga casa foi recebida surpreendentemente bem pela mãe, a casa continuava a mesma, com rachaduras e infiltrações, Sra. Heloisa parecia entusiasmada com a visita. Ao subir para o velho quarto escuro sentiu uma dor de cabeça terrível, quando olhou para a gaveta da mesinha de quarto soluçou um choro quente que lhe fervilhava a cabeça e toda a garganta. As lembranças de seus 17 a atingiam com força e estavam claramente de volta à sua mente, já que fora lá que a primeira tentativa de sumir do mundo aconteceu. Se lembrava de como havia se sentido, era como se um pavio estivesse prestes a ser aceso, e nesse acesso de cólera tomado pelo seu desdém pela vida desceu correndo para o banheiro. A noite estava quente, buscou quatro ou mais remédios diferentes e os guardou na gaveta do quarto até o momento certo, o momento em que estava por vir, o pai bêbado como estava às duas da manhã gritava coisas horríveis na sala do andar de baixo, sobre como Louise era uma mórbida menina sem amigos, e a mãe uma vadia desempregada. Diante da situação, Louise tomou todos os comprimidos de uma só vez, e essa talvez seja a quarta vez em que a polícia visitava os Rousseau, e só depois de um tempo o policial abriu a porta do quarto onde Louise estava desacordada, alguns paramédicos chegaram e fizeram a desintoxicação a tempo, e essas lembranças soluçavam em Louise. Parou de soluçar e desceu para almoçar junto à mãe, e em silêncio as duas ficaram por um bom tempo. -E como estão os livros, meu bem? -Estão bem, mãe. A senhora está trabalhando naquela lanchonete ainda? Breve pausa. -Sim estou. Mas logo acharei um emprego melhor. -Mãe, você sabe que posso lhe ajudar com o que precisar. -Eu sei me virar, Louise. - Então talvez devesse saber como cuidar de um filho?! - O quê!?- Ficou por um breve tempo encarando Louise. - Já faz tanto tempo, eu lhe dei emprego, carinho, tempo e até te salvei de fazer uma grande besteira, você não pode ser tão ingrata. -Ora mãe, tempo e carinho? Chega, vou dormir. -Vá, mas saiba que dormindo seus problemas não irão se resolver sozinhos! -Digo o mesmo então! Bateu a porta e sentiu um grande peso. Deitou na cama e depois de um tempo dormiu. No outro dia foi tentada a se desculpar com a mãe, lavou o rosto com a água gelada, e descendo as escadas, percebeu que havia café e suco de morango, seu preferido, junto com pãezinhos dispostos à mesa, sentou e esperou a mãe, quando viu que Heloisa entrou: -Bom dia, mãe! -Bom dia Louise, dormiu bem? -Perguntando como se tivesse esquecido o ocorrido da última noite. -Dormi, mãe. -Imagino que essa noite não lhe trouxe boas lembranças. -É, realmente não mãe, me desculpe por ontem, eu estava fora de mim com todas essas lembranças de casa. -Eu entendo filha, e não te culpo, essa casa só nos trouxe desgraças, e eu sempre tão distante, tão idiota. -Já estava segurando o choro - Ah Louise, todas as noites me culpo por tudo que te fiz, eu queria ter sido próxima, ter sido uma boa mãe, sempre deixei que ficasse distante,

me perdoe filha! E Louise sentiu uma coisa nova, diferente de quando encontrou aquele pássaro machucado, sentiu compaixão pela mãe. -Mãe, não tenho que te perdoar, eu fui uma filha distante, tão calada e isolada, me perdoe. – Concluiu abraçando a mãe. Na semana seguinte se despediu da mãe e voltou a Toulouse, buscou Otto na vizinha, que tinha vários gatos e havia insistido em ficar responsável por ele durante sua ausência. Otto estava faminto, e ao entrar no apartamento, Louise percebeu que os móveis e os cômodos pareciam frios e menores, um pouco melancólicos e solitários. À noite decidiu ir ao cinema local, assistir a um filme de suspense, estava animada, e de fato acabou gostando bastante do longa. Voltando ao apartamento, recostava sua cabeça sobre o travesseiro do sofá, ainda instigada pelo filme a ponto de comentar e discutir sozinha sobre. Os livros de Louise estavam em seu ápice, agora vendiam bem, voltou a ter contato com a mãe, passava dias melhores e ensolarados, participava do Clube do Livro, mas agora com outro propósito, aliás, agora havia um propósito, aprender e conhecer. Certa vez no Clube do Livro, observou uma moça sentada, bem vestida, de boa feição, e aparentando ser bem jovem, tinha um vestido rosa claro e um arco nos cabelos. Louise pensou que a conhecia de algum lugar, não se lembrava, mas era sim um rosto familiar. Enquanto Louise observava a mesa de aperitivos perto da janela, correu seus olhos novamente sobre a moça, que agora acenava freneticamente em sua direção. Agora cerrando os olhos, reconhecia quem era: -Ei, olá, como está, lembra de mim? -Tinha um sorriso estampado no rosto, porém sem o cigarro o acompanhando, estava irreconhecível. – Tudo bem que talvez eu tenha mudado um pouquinho – ironizou ela. - Mas ainda sou a antipática do clube do livro, você continua muda? –riu ela. -Oi, desculpa não a reconhecer, como você está bonita, tão radiante. -Obrigada, podemos dar uma volta e conversar? Para o espanto de Louise, agora aquela moça não desprezava amizades e não economizava sorrisos. -Claro. – Louise respondeu com os olhos ainda nos aperitivos. -E esses aperitivos são ótimos, deixa que eu pego alguns. – E dividiu com Louise. - Já iam começar o debate sobre os autores de sempre, a Bernadette adora Nancy Huston, toda semana insiste em falar sobre como Les Variations Goldberg é magnífico. Caminhavam em uma rua bem iluminada próxima ao clube: -Aliás, meu nome é Paulette, muito prazer em revê-la. – Sorriu. -O meu é Louise... -Ora essa, eu sei quem você é, deixe-me contar. Alguns meses atrás, uma mulher esqueceu um livro no banco, estava cansada e com muito frio, minha barriga doía de fome, mas eu não podia colocar nada na boca, a bulimia faz isso com a gente. Peguei o livro para fazer uma fogueira no beco da última rua, mas quando rasguei a primeira folha percebi que tinha um rosto conhecido, na mesma hora me lembrei de você e fiquei ali parada o folheando, há quanto tempo não folheava um livro! Quando terminei fiquei anestesiada, você escreveu sobre mim, escreveu sobre a nossa conversa e escreveu sobre a vida, o que me levou a pensar sobre a minha, afinal de contas eu ainda tinha uma. Segurei bem firme o livro e saí andando pela cidade, fui até um telefone público, mas não me lembrava mais o número de casa, eu já não me lembrava, como pode? Eu me perguntava se eles ainda se lembrariam de mim, se a minha doce menina ainda se lembrava da péssima mãe, ou se o meu amor ainda se lembraria da sua Paulette. Naquele dia chorei como não chorava há muito tempo, as lágrimas rolavam e me esquentavam o rosto, caindo sem cessar, foi uma noite terrível. Perambulei por várias ruas, por vários dias e quando já estava sem forças, andando descalça por uma ruela, uma mulher de meia idade, muito sorridente e caridosa me ofereceu uma rosa, me deu umas moedas e disse: “Ainda dá tempo de voltar para sua família, minha querida”. –

Louise percebeu rapidamente a semelhança na mulher de meia idade que dias atrás, correndo sem rumo, havia visto na rua, ela era assim como a da história da Paulette. - Naquele dia, eu já estava tão tomada pelo cansaço que não me preocupei com as palavras dela, deitei sob a sombra de uma árvore, e só quando acordei percebi algumas moedas espalhadas pelo

chão, peguei-as e guardei para quando me lembrasse do número de casa. Ao levantar, um rapaz muito simpático surgiu, me estendeu a mão e me pediu para acompanhá-lo, a esta altura já não questionava mais nenhum estranho que se aproximava, e ele me levou até a assistência social da cidade. Quando chegamos lá, o rapaz foi embora sem dizer nada, Deus colocou boas pessoas em minha vida, não acha? Acho que ele sempre coloca, mas nem sempre percebemos, enfim, é a vida. Passei alguns meses no centro social de convivência, até já conhecia boa parte das jovens voluntárias que sempre passavam por lá. Foi em um sábado, eu me lembro, a porta da sala de recreação abriu, uma moça alta de cabelos castanhos entrou, eu soube na hora que era ela, Amelia, minha doce filha, meu coração palpitava, eu soluçava forte, ela veio até mim tão gentil, e me envolveu em um abraço apertado de saudade. Naquele dia eu soube que ainda havia esperança, ela me contou que trabalhava como voluntária em vários centros sociais, que sempre esperou me encontrar, acredita nisso? Ela me levou para sua casa, quer dizer, nossa casa e foram os últimos melhores meses da minha vida, todos os dias posso abraçar minha filha, revejo meu marido Oliver e a noite já não sinto frio, todos os dias tenho uma coberta quentinha que me aquece, e nos dias chuvosos, eu tenho um teto! - Conversaram a noite toda e trocaram telefones, mantiveram contato, e ali Louise reconhecia mais uma amizade definitiva. Paulette agora transparecia confiança e mantinha sua sinceridade com menos seriedade.

Capítulo 4 – “Douleurs Passaées” – “Dores do Passado”

Dezembro de 1987, depois de quase três anos sem se preocupar com o tempo ou os anos, seu calendário indicava em vermelho dia 25, Le Noël (o natal), embaixo do calendário estava a escrivadinha com rascunhos e mensagens de felicitações de natal, Louise em seu casaco escuro estava pensativa sobre todos os anos de sua vida, acreditava que havia mais a ser analisado, estava quase desistindo de seu novo livro sobre uma garota deprimida, até porque ninguém quer ler sobre essas coisas, mas sim ler sobre histórias com seus finais felizes sobre o amor, enfim Louise sabia bem o que escrever e o que não. Para todo o estresse havia uma saída afinal, que naquele dia Louise não achava, enfim dedicar-se à mesmice fazia parte de sua rotina, e enfim as datas eram só datas, depois de todas as melhoras sociais em sua vida, ainda assim lhe faltava algo que acabasse com a mesmice, ou que tornasse emocionante tudo aquilo. Adeline – 24 anos Aos meus 24 não tenho nada a dizer, só mais um aniversário, só mais uma data a lembrar, que preferia deixar pra lá, era só mais um domingo ouvindo histórias sobre como eu estava grande, como minha mãe se orgulharia, ou como meus traços lembram ela cada dia mais, mas nunca uma história sobre como ela morreu ou quem ela era, o máximo que meu pai dizia era o como ela era linda e talentosa, e isso me inquietava. Naquele natal de 2014 eu realmente queria morrer de tédio, com todas as letras, minha avó só sabia dizer o quanto era infeliz e o quanto mal sabia cozinhar, e o quanto o peru no forno havia queimado, meu pai com os óculos na ponta do nariz lendo a um jornal da semana passada, quieto para variar, e nem preciso dizer que mais uma vez Jean me deixou em pleno natal para um de seus trabalhos especiais com as luzes, acho que não vejo Jean já faz dois meses. Depois de comermos o peru queimado da vovó, assistimos ao mesmo velho programa natalino, e à meia-noite tivemos a mesma vista do show de luzes no céu. Os anos eram iguais, e um pouco solitários, nos cumprimentamos e todos se deitaram, menos eu, sabia que não podia dormir naquele natal, aliás todos os natais eram iguais, tinham uma pontinha de dor, de qualquer forma não importava, saí para tomar um ar fresco, pois caminhar me fazia bem. As luzes tão alegres e vivas, não ajudavam muito, tinham pinhos de natal em todo lugar, Toulouse nunca foi tão desinteressante.

Em algum lugar naquele momento, eu jurava ouvir Moonlight Sonata de Beethoven, observando uma bailarina solitária, um quebra-nozes perdido e um pianista. Eu os via tão

perfeitamente, e ao passo que eu buscava a música, eles se afastavam mais, e a minha curiosidade só aumentava, até que cheguei no parque, onde estava tudo quieto e a música sumia, eu sentia o vento tocar minhas bochechas que tomavam um rosado leve, e minhas mãos gélidas estavam contorcidas de frio, então me sentei naquele banco em frente ao rio, e lá fiquei até o amanhecer. Da mesma forma que dormi sem respostas, acordei sem elas, e não apareceriam por devaneios tolos de uma noite conturbada. Voltei para casa de papai, sua expressão estava transformada em um tom pálido, os óculos estavam no chão, corri para o quarto da vovó, e lá estava ela, dormindo em um sono profundo, um sono pelo qual não acordaria. Eu a segurei em meus braços magros, mas ela permaneceu sem expressão e inerte naquele sono profundo, vovó estava fria e morta, papai estava em choque na sala, e eu estava atordoada e anestesiada pela situação, e assim permaneci no canto do quarto até janeiro. Um mês depois, eu sentia falta das reclamações de vovó -“olhem como estou velha”,-“ olhem como sou descuidada, sou uma velha infeliz”, -“que a velhice me mate”, e assim foi, a velhice finalmente a matou, não culpo a ela por querer isso, mas culpo seu egoísmo, meu pai está mais calado do que antes, fala muito pouco, o máximo que ele diz é “Como está indo a pintura da casa nova, filha?”, a pintura da casa nova já terminou faz três ou quatro meses, antes de Jean partir a trabalho, eu simplesmente respondo “bem pai”. Semana passada, peguei papai chorando no canto da sala perto do seu cinzeiro, acho que ele não está encarando a situação tão bem quanto parece, mas deixo ele ter o seu espaço, o respeito por isso, Jean ainda não me ligou, mas não me importo mais, acho que vou voltar para minha casa em março, não quero deixar papai sozinho justamente em um momento como esse, sinto que ele precisa de mim mesmo dizendo que não, pedi demissão no Cooffe Lou’s, precisava, foi necessário. Nada de extraordinário ocorreu nos últimos meses, já estamos em março e papai ainda não superou a morte da vovó, mas infelizmente vou deixá-lo, preciso voltar para casa, e Jean me ligou hoje, disse que foi demitido, acho que não expressei a empolgação que eu gostaria. Jean parecia mudado, comentei sobre a pintura da casa, os armários novos da cozinha, mas ele esviou o assunto: - Querida, precisamos conversar, sim, mas os armários antigos estavam em bom estado, ok, são só armários. -Mas Jean, só estou comentando, são os armários que vimos na loja, mas enfim, como você está? -Bem, logo nos falamos. Até mais. Já passava das 9 horas quando Jean chegou em casa, logo depois de eu desfazer minhas malas, ele estava com um sorriso forçado estampado no rosto, eu conhecia bem aquele sorriso, e tentava conversar, perguntar como foi a viagem e tudo o mais, mas ele fazia questão de desviar o assunto, Jean depois de alguns minutos me encarou com uma cara triste.

Sabia o que ele queria dizer, começamos a discutir sobre coisas como a cor das paredes, Jean estava transtornado por que não queria a cor pessêgo, era uma discussão inútil, depois de horas nos sentamos e conversamos, não havia mais como alimentar aquele relacionamento desgastante, aliás, não faz tanta diferença assim, afinal eu já esperava.

A partir de abril já começo vendendo a “casa nova”, talvez eu consiga um bom preço, o suficiente para ir embora daqui. Amanhã já procuro uma imobiliária, estava sobrevivendo do dinheiro dos livros da minha mãe, mas já faz um tempo que não vendem bem e acredito que a procura de um novo emprego que eu estava adiando já não possa ser mais adiado.

Os livros da minha mãe foram escritos por volta de 1994, mas só um havia sido publicado, este ano eu pude publicar o restante, estava contente com isso, foi a única coisa que minha mãe me deixou, eu não sabia mais nada além disso a seu respeito, não há fotos, não há objetos de valor sentimental, e mamãe era realmente discreta, agora que sei esses 2% da minha mãe, quero saber mais. Hoje cheguei no apartamento do meu pai, ele estava sentado em sua

poltrona com seu cinzeiro do lado, e uma carta em mãos, insisti com pelo menos três “olás”, mas ele não respondeu, papai parecia tão sereno, olhava fixamente para a carta, não respondendo nada, somente me entregou, e eu soube naquele instante que era a hora de eu saber mais sobre a minha mãe. “De Remy Bessé, para Adeline, minha filha querida: Acho justo que você saiba, em 1994 em um natal a pedi em casamento, sua mãe estava tão radiante, que eu não soube usar bem as palavras, mas ela concordou com um aceno de cabeça, soube na hora que eu era o homem mais feliz do mundo, sabe, sua mãe não costumava ser uma pessoa fácil de lidar, era reclamona, inteligente, e linda assim como você, mas era difícil impressioná-la, me lembro do nosso primeiro encontro, saímos para tomar um sorvete, o café ela havia recusado, disse que o sorvete era melhor, em pleno inverno, obviamente pegamos um resfriado, mas foi um encontro proveitoso e sereno, eu olhava para aqueles olhos brilhantes enquanto ela tímida desviava o olhar, caminhamos, conversamos, e finalmente ao final do encontro consegui um sorriso, com o passar das semanas ela se fazia mais presente em meus pensamentos, ao final do expediente ligava pra saber como ela estava, o que tinha feito no dia, e ela era muito doce com as respostas. Foram meses muito proveitosos, nos casamos em fevereiro de 90, no ano seguinte recebi a notícia que já tínhamos um novo membro na família, você! Sua mãe era escritora, radiante, carinhosa, talentosa e carregava toda uma história consigo.

Durante nosso casamento, Louise se mostrava outra pessoa, eu a amava, mas ela parecia me odiar cada dia mais, eu não aceitava esse fato, eu respeito a memória de sua mãe, mas ela nunca foi plenamente feliz comigo, havia dias em que a pegava no quarto chorando baixinho uma dor que só ela carregava, e não se desapegava, ela sempre se lembrava de Cloud, ex falecido namorado, mas eu a amava e estava disposto a dar meu amor a ela, tentei de todas as maneiras agradá-la, não me abalar com as noites afastadas no sofá da sala. Sabia que um dia ela estaria realmente apaixonada por mim, mas quando você nasceu e o médico chegou com você nos braços dizendo que ela não aguentou o parto delicado e falecera, justamente no natal de 1992, eu não resisti, e chorei intensamente, mas me mantive firme e encontrei em você forças que jamais imaginei encontrar, eu a tinha para dispor meu amor e cuidados, e assim fiz, sua avó, mãe de Louise me ajudou muito, ela se tornou uma mãe pra mim, no ano seguinte foi despejada da casa, pois não tinha condições de arcar com o aluguel, então a convidei para morar conosco.

Todos esses anos venho evitando lhe contar sobre sua mãe pela dor, mas sinto que esta é a hora para te contar, e como sabe sou péssimo com palavras ou interação social, portanto te entrego esta carta que é o ponta pé inicial para te contar tudo que posso sobre sua mãe Com carinho, seu pai.” Naquele instante em que li a carta, entendi o porquê do meu pai não ter me contado, era uma ferida em aberto. -Filha, me perdoe eu não tive coragem, eu... -Eu entendo pai, na verdade não entendo uma coisa, mesmo com a mamãe lhe tratando indiferente, não correspondendo totalmente as suas expectativas continuou insistindo, por quê? -Eu não te daria melhor resposta que não fosse o amor.

E nessa noite, depois de conversar por horas, eu soube das dores que meu pai e minha mãe carregavam consigo mesmos há tanto tempo, das dores que tentavam manter em segredo e que nunca eram esquecidas, de dores tão particulares que nem mesmo compartilhavam um com o outro. São essas dores que, afinal, nos tornam quem somos.

GUILHERME VIDOR FRANCISCON – ELA SE PERDEU

Ela viu a porta, e entrou

Caiu num precipício sem fim,

Caiu em si, e chorou

Ela olhou ao seu redor

Não viu ninguém

Não sabia por que estava ali

Mas estava ali

Olhou pro céu, e rezou. Sentiu o vento. Sentiu saudade

Quis voltar, mas faltou coragem

Seguiu andando, sozinha e bela

Cruzou o país. Rodou o mundo. Mas não se encontrou

Não tinha dúvidas, só tinha incertezas

Não tinha pra onde ir,

Mas não queria ficar

Abraçou a noite,

Se entregou à noite,

E a noite a acolheu

A levou ao inferno,

Fez ela feliz

A iludiu

Ela se encontrou na ilusão,

Não estava mais só

Agora ela tinha o álcool e o pó

Foi uma breve felicidade

A noite cobrou seu preço

E a levou

No seu fim, estava só de novo. Numa noite de domingo, em um pequeno quarto no centro

Estava linda como sempre.

Mas estava triste

Suspirou, olhou ao seu redor, não viu ninguém

Quis chorar, mas não tinha forças

Quis correr, mas não podia

Quis voltar no tempo. Mas o tempo não lhe deu uma segunda chance

Fechou os olhos, seus olhos castanhos

Olhos que não iriam mais ver o mundo

Suspirou, e se foi.

Ao encontro do nada

Ao encontro da solidão eterna

Nada que ela já não conhecesse

Se foi,

Sozinha,

Bela,

E infeliz

Ela viu a porta aberta, e entrou.

APARECIDA DE LOURDES SALINA – ANDOR

O cantar dos pássaros anuncia
Que um novo dia está pra nascer
Com um Sol tímido entre as nuvens
Com preguiça de aparecer
Lança um castigo
Vai chover e vai chover
As nuvens contrariadas
Combinam com o vento forte
Numa dança ensaiada
Para bem longe as chuvas espalhadas
A menina animada
Com seu vestido de domingo
Véu e terço numa mão
Na outra amor e flor
Segue no desfile da procissão
Atrás do Andor de Nosso Senhor Rezando, acredita na salvação
Entra na igreja, ajoelha
Baixinho faz confissão
Deus não se manifesta
Pede perdão, sai sem saber se sim ou não
Hoje tem quermesse Bingo e bailão
Em Dia de Santo Sempre tem festa
E muito perdão

LUCAS FLEURY MIRA MORAES – A PEQUENA PARTE DE UM CONTO

Essa pequena parte de uma estória é contada de um avô para seus netos, em uma terra extraordinária, chamada Hadejú. Sabe, aquelas estórias que os meninos e meninas adoram ouvir antes de dormir.

Era uma das noites sobre a claridade e calor dos lampiões e lareiras, pelas tradicionais casas do simples vilarejo, desses que existem algumas léguas de todas as metrópoles dessa antiga terra de Hadejú. __ Vê, conte mais sobre a princesa Alonso, e o menino esperançoso! - disse o pequeno Igor. __ É mesmo Vê, queremos saber mais! - também exclama a pequena Bellatriz, um ano mais nova que o pequeno Igor. __ Claro que conto, meu amado e minha amada! - disse o Vê, com uma tragada em seu cachimbo, a fumaça espalhando pela sala de chão de madeira da casa modesta, sentado em sua cadeira de balanço. Os pequenos atentos a cada palavra do velho, sentados no tapete tecido pelo tear da mãe. __ Como vocês sabem, essa estória começa em um vilarejo chamado Charkós, onde a grande fauna supre até os dias de hoje o alimento daquele povo e muito do alimento servido ao Rei de Hadejú e à família Real. Ali, os caçadores saem com cervos, porcos-do-mato, corças penduradas ao ombro e seus arcos postos na costa para as carroças.

Ali, também os jovens começam a aprender o ofício e... __ Vê, onde fica Charkós? - interrompe o menino Igor. - A muitas léguas daqui meu caro neto. Ao sudeste desse país. Eu mesmo já fui algumas vezes para lá. Hoje não é mais um simples vilarejo! Existe muito comércio nessa região, uma importante cidade - Com mais uma tragada de seu cachimbo, o velho continua, com sua voz grave, prendendo a atenção do neto e da neta. - "Como estava dizendo, os jovens ali aprendem a caçar, também aprendem a respeitar a mata, pois tudo sobre a terra tem equilíbrio e sabedoria." "Certo dia, há muito tempo atrás, um jovem que por ali estava aprendendo, viu em uma das carruagens Reais, a figura de uma jovem. Sua pele era clara como a neve, seus cabelos claros como o Sol, e seus olhos de longe brilhavam um azul claro como pedras preciosas. Era a princesa Alonso, uma linda jovem de 16 anos. Estava acompanhando a carruagem para conhecer os principais pontos do país, e entender mais sobre o processo que leva o alimento à mesa." "Avistar aquela moça, despertou no garoto uma estranha força. Sentiu como se fosse um dever ser bem sucedido em sua caça, e que seria. A coragem perpassou pelo seu corpo como o sangue é bombeado pelo coração e chega em segundos às pontas dos dedos dos pés e das mãos. O menino sabia que a carruagem era Real, e que aquela só poderia ser a princesa Alonso, afinal, ele também nasceu no mesmo ano que a princesa, assim contava sua mãe a ele." __ Mas Vê!

O menino já gostou da princesa no primeiro momento que a viu! Parece que foi assim! - Disse a pequena Bellatriz, no momento em que o Vê parava para dar mais uma tragada no cachimbo. - É verdade minha neta. Essa sensação que percorreu com o sangue, são efeitos da paixão. E é sobre a paixão e o Amor que trata esse conto, minha neta. - E assim, continuou o velho. "A família Real, sempre tratou bem os moradores desse país. Sempre foi reconhecido o valor dos trabalhadores e trabalhadoras, e por isso o país cresceu. E, ainda em tempo de paz, os trabalhadores cooperavam com a caça Real, e podiam até se aproximar da princesa." "A princesa era uma menina inteligente, e que gostava muito de observar a natureza. Desde cedo, demonstrava a seriedade e confiança de uma administradora.

Seu pai, o Rei Kaaz, era conhecido pela sua sabedoria. Um homem de pulso firme, conduzia muito bem o reinado em tempo de crise e em tempo de bonança." __ Igual meu pai, Vê! Ele é calmo, mas sabe ser rígido quando necessário, e administra muito bem a nossa casa,

junto com a nossa mamãe. – Acrescentou o pequeno Igor, à narrativa do avô. – Hahaha – Uma leve risada, gostosa de ouvir, soou entre o riso do avô – “Sim, sim, seu pai sempre gostou de ler e ouvir as histórias do Rei Kaaz.” “O menino se concentrou, preparou a flecha no arco, e com atenção entrou na floresta, deixando a princesa, sentada na carruagem, lhe observar pelo flanco. Ao adentrar, furtivamente ia seguindo a trilha deixada por um cervo. Galhos quebrados, folhas comidas e pegadas no chão.” – Prosseguia o velho. – “Havia meses que começou aprender a caçar com seu pai, mas até então não tivera nenhuma vitória.” “De repente surge a imagem da princesa em sua mente, sentiu uma batida mais forte em seu coração, respirou fundo e esticou a corda do arco com a flecha posta. Estava confiante. Caminhou dentre a mata pela trilha e ao avistar o grande cervo pastar em um arbusto a dez metros de distância, percebeu que estava em um local favorável. Disparou.

A flecha perfurou o pescoço do animal que tentou correr e tombou no chão!” – “Mas vô! Onde está o Amor e a paixão nessa estória?” – disse a pequena garota, em tom de mandona e ao mesmo tempo curiosa, assim como são as crianças espertas! – “Calma minha linda.” – disse o avô com um sorriso. – “A paciência é sempre um sinal de Amor. Apressada é a paixão.” E assim, continuou. “O menino ficou sério, viu na caça vitoriosa uma forma de impressionar a princesa Alonso. Talvez, um perfil sério e confiante atraísse a atenção de uma princesa como ela, então poderia ser amigo dela, era o que ele estava pensando. O menino marcou o caminho da caça e procurou, até achar dois caçadores adultos. Um era do vilarejo e outro da caça Real. Ficaram surpresos e elogiaram o garoto, e com um cervo grande, poderiam repartir a caça. Levaram o cervo até uma carroça próxima da carruagem onde a princesa Alonso ainda esperava e admirava atenta o vilarejo.” “Então podendo agora se aproximar da princesa, o garoto estranhamente percebeu, não estava tão focado quanto antes. Uma leve queimação no estômago lhe ocorreu, sua boca secou, e, contudo, estava feliz, porém, inseguro. Admirou que agora, mesmo não estando em caça, precisava de coragem! Estava confuso. Queria conversar com a princesa, e então foi.” – “Boa tarde, princesa Alonso” “disse o menino com uma reverência, sem chegar tão perto” – “Boa tarde.” “Ao sentir o perfume da princesa, seu nervosismo acabou, sentiu uma sensação que não sabia explicar, o tempo parou, ou nunca houvera corrido, naquele mesmo instante percebeu que o aroma sempre lembraria aquele dia e aquele momento” – “Qual seu nome?” “Perguntou a princesa.” – “Solluz, princesa” “A diferença entre os dois era a calma na princesa Alonso e o coração agitado no menino.

Ele queria falar um milhão de palavras e não sabia quais, queria poder mostrar como conseguiria caçar e manter a vida sempre, gostaria de estar mais perto, e de nunca sair muito longe dali, ou que sempre pudesse voltar nesse momento.” O avô das crianças deu mais uma tragada, um pequeno balanceio na cadeira e continuou a estória. “Já a princesa, estava tranquila, gostaria de ouvir a narrativa do garoto, se ele precisasse sair dali, então ela esperaria, apenas observava e tirava daquele momento uma fina lembrança com a sensação de satisfação e alegria que vinha serena do seu coração.” __ “Vejo que está a observar princesa Alonso, todo o processo de caça e transporte, e também observa serena a natureza em nosso redor. Sempre faz isso?” __ “Os processos de vida no Reino é sempre matéria de estudo para a família Real. Os idiomas, as culturas, o trabalho. Governar requer muito conhecimento. Sempre admiro a natureza, pois ela é a maior prova do processo que leva o sucesso Solluz.” “Cada palavra da princesa era uma batida mais forte no coração do garoto.

Não entendia como uma pessoa poderia ser tão bela e harmoniosa. Só o mero pensamento de que aquela conversa iria acabar algum instante, o garoto entristecia. Ele refletiu sobre as palavras da princesa e respondeu: – ‘A princesa com certeza já entende bem sobre as

leis. Quando voltará para olhar mais uma vez?’ – “Provavelmente eu não irei voltar para esse vilarejo, Salluz, estou aqui para presenciar o processo, mas minha escola continua sendo no castelo e nas cidades maiores do país.” Nesse momento as crianças soltaram exclamações. Não acreditaram que poderia haver final triste nessa estória. ___ Calma meus pupilos. A paixão e o Amor não se entendem como dois mais dois são quatro. Por serem diferentes é que sempre estão juntos, pois aprendem constantemente um com o outro. – disse o velho às crianças, agora mais do que nunca vidradas na estória que conta o avô. E o velho continuou. ___ O menino tomou toda a coragem que tinha. Assim como o tempo parara quando sentiu o perfume da princesa, o tempo de reunir a coragem também parecera infinito. Não poderia deixar que a presença mais calorosa, a presença que fez seu coração pulsar mais sangue, que o fez acertar sua primeira flecha, que o enchia de coragem e também de medo fosse embora para nunca mais vê-la. – “Princesa, no momento que lhe vi, todas essas palavras bonitas que disse agora são poucas, pra descrever o quanto exala sua pessoa a presença da Bondade e da Beleza.” “Por um instante, nem o menino acreditava no que estava dizendo, mas dizia cada palavra com tanta vontade, que repetiria 100 vezes se necessário. A princesa observou o menino Salluz. Serena, ela sorriu-lhe. Sentiu a estranha sensação de uma flecha suave passar em seu peito, com as palavras daquele garoto.

Não uma flecha que inibi ou que machuca, mas uma flecha que parou ali mostrar que atingiu. Uma marca em seu sentimento. A princesa naquele instante percebeu, que o Amor estava presente, e que todo aquele dia aconteceu para aquele momento. Sem coincidência ou acaso, era uma vida para se viver. Percebeu que a coragem vinda da paixão do garoto sempre estaria presente naquele coração, se ela soubesse também sempre manter o ritmo com a sua sabedoria. Ele fará tudo o que é possível, para proteger e honrar os momentos com a princesa. Era uma lei clara, que o Amor de certo entende.” “O Amor vê as qualidades, mas o Amor não erra, porque enxerga mais longe e mais profundo. – “Salluz”. Respondeu a princesa – “Sempre haverá oportunidades, se souber procurá-las. No momento preciso partir.” “A voz e o jeito de falar da princesa não entristeceu o garoto. Sentiu a confiança voltar, a sensação de sucesso percorria junto com seu sangue, e ele nem ao menos sabia porquê. Com um sorriso, fez uma referência à princesa e se despediu” – “Com licença princesa Alonso, foi um prazer conhece-la.” “Não era impossibilidade que via de os dois viverem juntos. Sabia que um momento ou outro sentiria a tristeza pela distância entre os dois, mas que sua coragem mostraria o caminho.” Essa estória de certo continua. Pois a vida no Castelo não era tanta que poderia deixar a princesa Alonso de pensar no Amor.

E pensando no Amor, pensava no Salluz. Mas quando o velho viu, as crianças dormiam sobre os bracinhos no tapete. O pai e mãe entraram na sala. Deram um sorriso e carregaram as crianças para o quarto. O velho deixou o cachimbo e caminhou para cozinha.

ELLE VENTURINI VICENTIM – O SONHO DE (QUASE) TODO JOVEM NASCIDO E CRIADO NO INTERIOR É DEIXAR DE SER UM JOVEM DO INTERIOR

O sonho de (quase) todo jovem nascido e criado no interior é deixar de ser um jovem do interior. O sonho, esclareço já de início, não é visitar teatros e cinemas, não é ter opções de lugares para sair e não é estar exposto a maiores oportunidades profissionais, embora façamos questão de dizer que são esses os objetivos porque soa mais maduro e porque, a bem da verdade, não compreendemos muito bem essa relação ambivalente que temos com as nossas raízes. Amamos o cheirinho quente do café que sai da garrafa térmica manchada pelo tempo e pelo uso que existe na casa dos nossos pais, mas nossas redes sociais só mostram as cores artificiais dos cafés expressos de máquinas Dolce Gusto e a nossa predileção pelo Caramel Macchiato bebido no copo descartável do Starbucks.

As marmitas de feijoada decoradas e cheias de técnicas gastronômicas vendidas nas grandes redes de restaurantes e supermercados jamais terão o sabor da feijoada de domingo da casa da avó. Ainda assim, o sonho de (quase) todo jovem do interior é ser um jovem da capital. No interior, costumamos sentar na calçada de uma avenida qualquer para “botar o papo em dia” com os amigos e passamos incontáveis horas sem nem lembrar de olhar o celular. Mas, turrões que somos, afirmamos veementemente, quase como se quiséssemos nos autoconvencer, que só estamos ali porque cansamos das poucas opções de entretenimento da cidade. A verdade, revelo agora: nós amamos olhar o movimento noturno, sentir o cheirinho de ar puro. Na avenida nós, mulheres jovens de interior, não precisamos nos preocupar com as regras de etiqueta de como devemos nos sentar porque só existe uma resposta... É com “perninha de índio” e pronto.

Morar no interior tem pontos negativos, e é neles que nós nos agarramos para justificar nossa vontade imensa de partir. Ir ao cinema ou decidir tomar um café sozinho, em uma cidade interiorana, é assinar a própria sentença de “recém-largado”, ainda que não essa não seja a realidade, como comprovam todas as novelas de roteiro bucólico que a Globo já apresentou. Eu nunca fui embora do interior. Sou nascida e criada em chão de terra vermelha. Aprendi desde muito menina a andar a cavalos, no sítio, e mais velha, acostumei-me a dirigir bem no meio da rua e não deixar espaço para mais ninguém passar, na cidade. Apesar disso, uma parte de mim sempre planejou passar uma temporada na capital. De fato, amo o movimento, a correria, os vários carros um ao lado do outro na mesma rua... as infinitas opções de entretenimento.

Amo fazer um happy hour em plena quarta-feira, chamar um Uber pra ir embora e não ter uma porção desconfortavelmente grande de pessoas me olhando diferente. Às vezes, mal posso segurar a ansiedade de chegar na tão cantada Avenida São João e na televisiva Avenida Paulista. Sempre que estou na cidade grande, sinto-me livre e forte, dona de mim e das minhas vontades. No interior, sinto-me amada. O segundo lugar que mais faz o meu coração vibrar é o centro velho de São Paulo, ali, próximo ao Largo São Francisco. O primeiro, é a Avenida Tiradentes, ali, entre a rotatória da polícia e a Igreja Matriz.

DIEGO RICARDO SINGULANI – O OUTRO

o gosto amargo no copo de café que te sustenta sou eu.

o sal das tuas coxas brancas feito louça sou eu.

tua fúria no colchão, no chão, na mesa, nos olhos... tua falta de fé, tuas unhas, teus cabelos presos, teu sorriso solto...

sou eu

sou eu

sou eu!

por que duvidar?

sei que sou apenas quando ele não está você é sempre aqui

não sou e nem quero ser aquilo que convém não sou teu cais eu sou teu mar

BRUNA LUISA DE PAULA – A CURA

Já parou para pensar que ainda podemos sonhar?

Ainda existe o riso, mesmo nas faces encobertas

Ainda existe esperança, até mesmo em informações incertas...

Se a distância aumenta, o cuidado dobra, o amor transborda...

Mas e a saudade?

A saudade...

A saudade aperta!

Já parou para pensar que ainda podemos sonhar?

Ainda existe afeto e cumplicidade...

E nossos cotovelos tão logo aprenderam a demonstrar reciprocidade...

Ainda existe amor e gratidão

Seja no estalar das palmas ou nos murmúrios da oração

Já parou para pensar que ainda podemos sonhar?

Mas e a morte? Ainda existem lágrimas, Partidas precoces, famílias devastadas...

Ainda existe a dúvida, ainda paira o medo...

Muitas portas fechadas, a ânsia do emprego...

Já parou para pensar que ainda podemos sonhar?

Te juro meu amigo, ainda que o calendário avance de forma implacável, mudando planos e ambições,

O sonhar ainda é o remédio para tratar os corações

DENISE DE FÁTIMA ANDRADE – ENSAIO

A vida é de quem se atreve

Que procura viver bem

Até um momento breve

Que consegue ver além

Vejo tudo que passou bem detalhado

As experiências vividas

O caminho compartilhado

As pessoas envolvidas

O ser que hoje sou

Deve muito a tudo que passou

Sou resultado daquilo que outrora

Me moldou e hoje aflora

Meu motivo e razão

Configuram-se dentro da minha emoção

Sei que não será em vão

Esperar os momentos que virão

REGINA AUGUSTA DE LIMA MORAES – AMORAS, AMOR... AGORA!

À tarde saí para caminhar, visitar meus refúgios secretos remontados entre as construções da cidade e a imensidão verde. Foi quando encontrei uns galhos de um pé de amora caindo por cima de um muro e consegui apanhar algumas poucas frutinhas. Isso me deixou tão feliz! Amora me faz lembrar minha infância, e bem raramente eu encontro. Aí percebi que amora é minha metáfora para a felicidade: às vezes, quando não estou procurando, encontro, como as boas surpresas da vida.

Mas também podemos procurar por elas, sempre estarão nos esperando se tentarmos de verdade. E são tão doces...quanto mais escuras mais doces! Talvez para lembrar que quanto mais escuro estiver o céu, mais veremos as estrelas brilharem, como em muitos momentos escuros da nossa vida: se olharmos com cuidado ainda podemos ver a luz. Ah, as amoras mesmo tão doces também são tão pequeninhas!

E a vida pra mim não é feita de uma grandiosa felicidade, mas de pequenos momentos de felicidades, que a gente não sabe quando ou como começa, nem quando ou como acaba, então não podemos desperdiçar felicidade, nem amoras, temos que aproveitar bem seu doce único, da amora e da felicidade. Me diz: o que faz você feliz? Pra mim a felicidade está na simplicidade. Posso fazer uma lista se quiser, mas isso resume bem: tudo que me aproxima de Deus de uma forma simples me tira um sorriso e me faz feliz! Ah! Um lembrete sobre as amoras: são delicadas, merecem muito cuidado ao apanhá-las, pois corre-se o risco de esmagá-las perdendo-a.

Assim, ao encontrar a felicidade mantenha sua ansiedade calma e aprecie da forma mais leve possível, deixando-a sobreviver conforme seu tempo natural permitir dando forma e cor a novos pequenos bons momentos.

Você sempre será capaz de ser feliz, pois a felicidade real está dentro de você!

EDVANDER ROGÉRIO BERNARDES – PAI JOÃO

Toda tarde na Senzala havia uma reunião
Todo mundo se ajuntava pra escutar o Pai João
Sentado ali no toco com o cachimbo na mão
O povo ele ensinava com tamanha precisão
Alguns já se perguntavam e uns aos outros diziam
Como é que um preto velho tem tanta sabedoria
Parece que até mil vidas ele já tinha vivido
E na pele de um preto velho
Ensinava o que tinha aprendido
Até mesmo os senhores ao longe se colocavam
Pra escutar os conselhos que o preto velho dava
Falava com um amor que inundava os corações
Um preto velho cansado pela vida já surrado
Falava como um Doutor
Parece que até mil vidas ele

ISABELA GONÇALVES LUIZ – EM PATIA

Patia é uma cidade

Dotada de uma especial comunidade

Os habitantes que lá moram

Possuem uma generosa habilidade

O sinônimo atribuído a ela

Só poderia ser bondade

Dizer "Em Patia", é dizer em caridade

Dizer "Em Patia", é dizer em amabilidade

Porque uma vez Em Patia, para sempre em solidariedade.

DANIELLE DEMARQUI – A IMPREVISIBILIDADE DO COTIDIANO

Ao ouvir o toque do despertador naquela manhã de quarta-feira, Celso pensou que era somente mais um dia normal, em que ele se levantaria às 05 horas da manhã, tomaria um banho, se trocava, tomaria café da manhã, se despediria da esposa e dos filhos, desceria o morro e iria para o trabalho de ônibus, seguindo a mesma rotina dos últimos cinco anos. Quanto à parte inicial de seu dia, quase tudo ocorreu como o esperado, mas Celso nunca poderia imaginar o que aconteceria no final daquele dia e tornaria aquela data tão marcante, não no sentido positivo. Celso trabalhava como ajudante de pedreiro em uma empresa de construção civil localizada no centro da cidade. Como morava em uma comunidade um tanto distante, precisava pegar dois ônibus e andar alguns quilômetros a pé todos os dias para chegar ao trabalho, local em que ele e outros funcionários batiam o ponto e depois eram levados para a construção na qual estivessem trabalhando naquela oportunidade.

O trabalho costumava ser bastante cansativo, não somente pelo peso que ele costumava carregar todos os dias, entre sacos de cimento e carregamentos de areia e tijolos, mas também pelo tempo que levava para chegar ao trabalho e para voltar para casa após o fim do expediente, que, somado, atingia aproximadamente quatro horas. O cansaço físico e mental muitas vezes impedia que ele passasse mais tempo com os filhos como gostaria. Celso era pai de um menino, João Paulo, de sete anos de idade, e de uma menina, Maria Júlia, que completaria quatro anos de idade no próximo mês. Sua esposa costumava trabalhar como faxineira, mas precisara parar de trabalhar fora há dois anos, quando a mãe dela, Dona Jacira, de 70 anos, teve um derrame e ficou de cama. Antes de ficar doente, Dona Jacira cuidava das crianças enquanto os pais estavam trabalhando, mas, quando ficou de cama, passou a precisar dos cuidados da filha, que agora cuidava das crianças e também da mãe idosa.

O filho mais velho de Celso ia para escola no período da manhã e a filha mais nova costumava ficar na creche quase o dia todo, mas naquele dia já tinha se iniciado o período de férias escolares e as duas crianças dormiriam até mais tarde, motivo pelo qual naquela ocasião, diferentemente do que costumava fazer todos os dias, Celso não se despediu das crianças antes de ir trabalhar, pois preferiu deixá-las dormir. Assim, Celso saiu para trabalhar naquele dia como se fosse apenas mais um dia comum, mas havia uma pequena diferença: por algum motivo desconhecido, ele se sentia mais inquieto do que o habitual, ansioso para terminar aquele dia de trabalho e voltar para casa para brincar com seus filhos. As horas, no entanto, pareceram passar ainda mais vagarosamente do que o normal, aumentando a sensação de inquietude e a ansiedade que Celso estava sentindo. Naquele mês, ele estava trabalhando na construção de uma centena de apartamentos em um condomínio fechado localizado em um dos bairros mais nobres da cidade e, mesmo após cerca de dois meses trabalhando naquele local, ainda se surpreendia com algumas coisas que via pelos arredores.

Aquele bairro era repleto de condomínios fechados, alguns compostos por prédios com apartamentos e outros por verdadeiras mansões. Carros de luxo eram avistados com regularidade nas redondezas e as piscinas enriqueciam ainda mais o cenário. Para Celso, que havia nascido em uma cidade pobre do interior da Bahia e se mudado para uma comunidade do Rio de Janeiro, na qual vivia até os dias de hoje, aos dez anos de idade, aquela riqueza toda parecia muito fantasiosa, como se fosse um cenário de novela. Afinal, para quem conviveu desde sempre com a pobreza e com as dificuldades da vida, era difícil compreender como alguns podiam ter tanto, enquanto tantos não tinham quase nada. O que mais o surpreendia, no entanto, era como a vida das crianças que moravam naquela região era diferente da vida das crianças que moravam na comunidade em que ele residia, incluindo seus filhos. As crianças

daquele bairro nobre tinham acesso a piscinas, a quadras para a prática de diversos esportes, e a parquinhos bem maiores do que Celso já tinha visto nas escolas infantis dos outros bairros da cidade. Além disso, estudavam nas melhores escolas do estado e tinham aulas de diferentes coisas, desde idiomas, até aulas de música e natação, oportunidades que Celso duvidava que seria capaz de proporcionar aos seus filhos algum dia, por mais que trabalhasse exaustivamente todos os dias e fizesse alguns bicos nos finais de semana. A desigualdade, dessa forma, era um aspecto que passou a chamar ainda mais a atenção de Celso quando ele começou a trabalhar em construções localizadas nas áreas mais ricas da cidade e a notar as enormes diferenças de perto, começando pela dificuldade em ver uma pessoa negra ou até mesmo parda que fosse moradora e não funcionária das casas e prédios localizados na região, bem como pelos olhares de desconfiança que ele e outros funcionários negros recebiam de alguns moradores com certa frequência.

Naquele dia específico, Celso estava trabalhando na finalização da varanda de um apartamento situado no quinto andar de um dos prédios que estava ajudando a construir, local do qual era possível observar várias crianças brincando no parquinho existente no condomínio fechado vizinho. Ao lado do parquinho, havia também uma quadra de futsal, na qual alguns meninos estavam jogando bola. Três deles pareciam ter aproximadamente a mesma idade do filho de Celso, mas a idade e o fato de gostarem de futebol eram as únicas semelhanças visíveis entre aquelas crianças e o pequeno João Paulo, afinal de contas, enquanto elas jogavam tranquilamente em uma quadra nova, com chuteiras adequadas, uniformes e bola oficial, com total segurança, o filho de Celso e as outras crianças da comunidade jogavam descalços, em um campo de terra ou mesmo nas ruas, com uma bola improvisada e times divididos em com e sem camisa, sempre atentos a qualquer som de sirene ou de tiros, pois a maioria era orientada pelos pais a voltar para casa imediatamente se ouvirem esses sons.

Dessa forma, após um longo dia de trabalho e algumas divagações sobre a vida, chegou a hora pela qual Celso tanto ansiara naquele dia comum e, ao mesmo tempo, tão estranho: o momento de voltar para casa. Como acontecia todos os dias, uma van veio buscar ele e outros funcionários e os deixou na frente da sede da empresa de construção na qual trabalhavam. De lá, Celso seguiu a pé para o ponto de ônibus mais próximo, apressando o passo ao perceber que o tempo parecia estar mudando e que a chuva viria a qualquer momento. O tempo chuvoso aumentou ainda mais o caos no trânsito, atrasando os dois ônibus que Celso precisou pegar para voltar para casa e fazendo com que ele chegasse na entrada da comunidade em que vivia cerca de meia hora mais tarde do que o normal. Enquanto subia o morro rumo a sua casa, Celso ouviu ruídos que pensou serem provenientes de trovões. No entanto, conforme foi se aproximando de seu destino, ouviu outro barulho, mas dessa vez reconheceu ser o barulho de tiros. Preocupado com uma possível troca de tiros entre polícia e traficantes nas proximidades de sua casa, Celso apressou o passo mais uma vez, ansioso por chegar em casa e confirmar que todos estavam seguros.

Conforme foi se aproximando, no entanto, avistou uma viatura da polícia e uma aglomeração de pessoas na esquina de sua residência. Segundos depois, notou a presença de uma ambulância e viu uma pessoa sendo levada de maca. Atrapalhado pela chuva, que começara a cair há algum tempo, e pelo caos presente no local, com várias pessoas falando ao mesmo tempo, Celso demorou a perceber que os gritos de desespero que ouvia estavam sendo proferidos por sua esposa, Cláudia.

Quando percebeu e viu sua esposa correndo na direção da maca, com o rosto marcado pelas lágrimas, sentiu um aperto no coração e correu o mais rápido que podia, desviando das

peessoas que estavam em seu caminho. Ao chegar perto da ambulância, olhou para a maca e viu que a pessoa nela deitada era uma criança, seu filho, que estava desacordado e tinha sangue espalhado pela barriga e pelo peito. Naquele instante, quando reconheceu a criança na maca como sendo seu filho, Celso sentiu uma dor que não conseguiria jamais expressar em palavras, foi como se tudo ficasse branco. Ele não entendia o que falavam para ele, sabia que muitas pessoas estavam no local e sentia que elas olhavam em sua direção, mas não conseguia ver nada além do rosto de João Paulo, o menino que lhe chamava de papai e sempre perguntava se ele queria jogar futebol ou disputar corrida.

Celso não saberia precisar quanto tempo se passou até que ele recuperasse totalmente seus sentidos e percebesse o que realmente tinha acontecido. Ele sabia que tinha seguido a ambulância até o hospital mais próximo, levado de carro por um de seus vizinhos, e se lembrava claramente de apenas uma coisa: de sua filha mais nova parada na porta de casa, chorando copiosamente e gritando o nome do irmão. Sentado na sala de espera do hospital, em uma espera que parecia interminável, Celso ficou sabendo através do vizinho que seu filho estava brincando com uma bola na esquina de casa quando foi atingido pelas costas por dois tiros, que, segundo testemunhas, tinham sido disparados por policiais militares que perseguiam uma moto. Ao ouvir o barulho dos tiros, a esposa de Celso saiu de casa para ver o que estava acontecendo e encontrou o filho caído na calçada, cercado por uma poça de sangue. De acordo com o referido vizinho, Cláudia ficou desesperada e segurou o filho nos braços, enquanto vizinhos e alguns familiares que viviam nas proximidades chamaram socorro e impediram que policiais tocassem no corpo da criança antes que a ambulância e os peritos chegassem. Embora ainda respirasse quando a ambulância chegou, Celso foi informado pelo médico que atendeu seu filho de que o menino havia chegado já sem vida ao hospital. A confirmação do falecimento de João Paulo, uma criança alegre, de apenas sete anos de idade, morta enquanto brincava, na frente da própria casa, por balas perdidas disparadas por agentes públicos que deveriam proteger a população, causou uma sensação de tristeza imensurável em Celso, acompanhada pela sensação de revolta e de indignação pelo que havia acontecido.

Não era a primeira vez que uma criança era morta pela polícia naquela comunidade e provavelmente não seria a última, mas, embora esses acontecimentos sempre chocassem os moradores e o risco dos constantes tiroteios entre polícia e bandidos fosse conhecido por todos, a verdade era que ninguém nunca achava que aquilo aconteceria consigo mesmo ou com um de seus filhos, pelo menos não de verdade. Parecia uma coisa que sempre acontecia com os outros, e, por isso, apesar de causar uma revolta momentânea, a indignação da população era logo esquecida e a vítima daquela violência se tornava apenas mais um número nas tristes estatísticas, para quase todos, mas nunca para sua família.

Era assim até que surgisse uma nova vítima e o processo todo se repetisse. Ao sentir na própria pele a dor da perda de seu filho, Celso sentiu ainda mais indignação por toda a desigualdade social que presenciava todos os dias. Ele tinha certeza de que o que aconteceu com o seu filho jamais aconteceria com uma criança rica como as que moravam nos bairros nobres nos quais ele trabalhava. E, caso acontecesse, a revolta da mídia e da opinião pública seria tão grande que ele duvidava de que os responsáveis não seriam punidos. Era provável até que criassem alguma lei para impedir que ocorresse novamente ou para aumentar as penas de quem cometesse esse tipo de crime.

Quando o assassinato de uma criança pela polícia ocorre em uma comunidade carente, no entanto, nada parece de fato mudar. Pode até ser que haja uma pequena indignação mostrada pelos meios de comunicação, principalmente pela televisão, mas essa indignação é

sempre passageira, não durando nem mesmo até a ocorrência de outro caso parecido, que muitas vezes fica impune e quase nunca gera alguma reação prática por parte dos governantes. Celso sabia, também, que se seu filho fosse um pouco mais velho seria muito provável que os policiais responsáveis pela sua morte afirmassem que ele tinha alguma ligação com o tráfico de drogas, afinal, ele já tinha visto essa desculpa ser utilizada muitas vezes pela polícia como uma espécie de argumento que justificaria o assassinato daquela pessoa. Não foram poucos os jovens executados pela polícia naquela comunidade nos últimos anos, muitos deles pessoas conhecidas por Celso, trabalhadores sem nenhum envolvimento com o crime. Somente horas mais tarde, quando virava na cama sem conseguir pegar no sono, após ter providenciado os detalhes do enterro e na espera da liberação do corpo após a realização da perícia, Celso não conseguiu mais segurar as lágrimas. Abraçou sua esposa e os dois choraram juntos até amanhecer. Por algum motivo, o pensamento que lhe ocorreu naquele momento e que lhe causou mais tristeza foi a percepção de que Dona Jacira, mesmo que conseguisse se recuperar algum dia, não veria mais o neto, enquanto a pequena Maria Júlia provavelmente não conseguiria se lembrar do rosto do irmão quando crescesse.

Dessa forma, os dias seguintes foram vividos pela família com uma espécie de torpor. Apesar de terem participado do funeral e do enterro de João Paulo, a sensação ainda era de que aquilo tudo era um pesadelo do qual eles não conseguiam acordar, como uma realidade dura demais para ser aceita pelo cérebro e, principalmente, pelo coração.

O peso da realidade, entretanto, foi se estabelecendo com o passar dos dias, principalmente pela ausência do filho de Celso, que sempre foi a alegria da casa. Foi ao ver uma reportagem na televisão sobre o assassinato de seu filho, na qual foram lembrados outros casos semelhantes, também ocorridos em comunidades carentes, que o torpor passou e Celso percebeu que não poderia ficar parado, pois não podia permitir que aquele crime ficasse impune, que outras crianças fossem vítimas de algo semelhante no futuro e que outros pais sentissem a mesma dor que hoje inundava seu coração. Com esse pensamento em mente, Celso procurou na internet os contatos de outras pessoas que perderam seus filhos para a violência praticada por policiais na comunidade em que ele morava e em outras comunidades próximas e, através dessas pesquisas, ficou sabendo da existência de uma organização formada por familiares dessas vítimas que tem como principais objetivos lutar para que os responsáveis por essas mortes sejam penalmente responsabilizados pelos crimes cometidos e pressionar os governantes para que tomem medidas visando o combate à violência policial no Brasil, especialmente nas comunidades mais pobres.

No entanto, mesmo após descobrir mais informações sobre o citado grupo, Celso sentiu dificuldade em ter esperança de que as ações deles pudessem de fato mudar algo na violenta realidade daquela área na qual os confrontos armados entre policiais e bandidos eram quase que parte do cotidiano da população, isso porque não acreditava que algum governante realmente se importasse com o que acontece com os filhos das pessoas pobres e negras deste país.

Ainda assim, apesar de toda a descrença e desesperança que sentia, Celso decidiu procurar os integrantes daquele grupo e fazer o que pudesse para ajudá-los, pois, apesar de parecer uma causa perdida, ficar parado apenas lhe traria mais tristeza e remorso, por não ter passado todo o tempo que gostaria com o filho e por não ter estado lá para protegê-lo quando ele mais precisou, e, após tamanha tragédia, as únicas opções que ele via eram se entregar à depressão ou à luta por justiça, e a segunda opção seria sua escolha, afinal, se não houver esperança e se ninguém lutar pela mudança, pessoas inocentes continuarão perdendo suas

vidas por causa de uma guerra sem fim entre policiais e criminosos, que só gera mais violência, embora devesse combatê-la. Agarrado a esse pequeno fio de esperança, Celso passou a atuar ativamente na luta pela justiça para as vítimas da violência policial e para suas famílias, assim como no acolhimento e orientação dessas pessoas, acreditando, cada dia um pouquinho mais, na possibilidade de construir um mundo melhor para sua filha e para as próximas gerações, para que o nome de João Paulo nunca seja esquecido entre as estatísticas, mas sim para que seja lembrado como mais uma vítima desse grave problema social e como inspiração para que a luta contra a violência policial seja cada vez mais forte e organizada, a fim de que mais ninguém precise sentir tamanha dor.

Assim, aquele dia que parecia ser apenas mais um dia igual a todos os outros, mera parte do cotidiano, acabou se tornando uma data inesquecível, marcada por uma dor tão profunda quanto inexplicável, que mudou não somente o rumo da vida de Celso, mas também a pessoa que ele era e os objetivos que buscava alcançar até o fim de seus dias, lembrando, mais uma vez, que a vida, assim como os dias que a compõem, é imprevisível, de modo que ninguém tem controle sobre ela e muito menos sobre o tempo que temos à disposição para viver e para passar ao lado das pessoas queridas.

CELIO GONÇALVES GUIMARÃES – LETRA DO HINO DA ESPORTIVA SANTACRUZENSE

Esportiva entra em campo

Pra mostrar o seu valor

Vermelho, preto e branco

És o nosso tricolor

No Leônidas Camarinha

Em casa, ou lá fora

Esportiva hoje e sempre

Tradição, raça e glória

Desde o tempo da ferrovia

Carro de boi, trem e avião

Esportiva já era alegria

Da nossa região

Esportiva Santacruzense

Símbolo de história

Com garra, valente

Buscando a vitória

ALEX EDUARDO PINHATA – CAMINHO DO AMOR

Estava precisando de uma estrada de pensamentos para tirar do acostamento meu amor próprio, nas faixas brancas encontrei o que deveria fazer e nas amarelas uma atenção maior, me avisando, que eu deveria ter prestado mais atenção no trânsito das minhas emoções.

Nas placas de sinalizações seu nome insistia em me colocar no caminho errado, e bem numa das curvas sentimentais escapei de uma vala de carinhos.

Logo mais à frente continuo seguindo em uma viagem de ilusões, sem mesmo saber em qual destino chegará, em casa sinalização do amor a estrada do meu coração me jogou pra fora da direção e perdi errando o caminho da verdade.

E logo mais à frente no cruzamento das decisões tive que escolher para qual destino a estrada me levará, usando o gps do meu instinto fiz o retorno para a direita e resolvi mudar a velocidade da minha vida, assim evitando uma colisão de sofrimento.